O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: anno 4$600 reis; semestre: 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Sabbado 21 de agosto de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

NUMERO 3:516

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLLA

para as victimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte.... 305$300

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcypreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O producto d'esta subscripção será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMMARIO:—PROJECTOS.—APRECIAÇÃO CORRECTA.—AO CORRER DA PENNA.—REGULAMENTO GERAL DOS LYCEUS.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—SUBSTITUIÇÃO DE JUIZES DE DIREITO.—MEDIDAS GOVERNATIVAS.—FOLHETIM, O PORTA-BANDEIRA, *por José Cunha.*—PORTUGUEZES NA INDIA.—CORREIO DO SUL.—ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAPHIA.—OS FILHOS DO MAR, DRAMA EM 5 ACTOS, *por Fernando de Vilhena.*—PARTE OFFICIAL.—CARTA DE LISBOA.—TELEGRAPHIA.

Aveiro

PROJECTOS

Planos mirificos se atribuem á oposição, que se acha dividida em duas distinctas agrupações. Em quanto uma aguarda tranquila os acontecimentos, sem pressa, nem precipitação, a outra impaciente e irrequieta esforça-se por que os males se agravem, determinando a curto praso o novo advento do partido regenerador, a sua chamada aos conselhos da coroa. Para os primeiros, os processos constitucionaes são os unicos aceitaveis, porque experimentada pelos reveses da vida entende, que é na adversidade que se retemperam os partidos e se avigoram as cousas, e que não é no curto espaço de alguns mezes, que os adversarios, que teem feito mais administração que politica, ficarão segregados da opinião, e por tanto no periodo agudo, em que é conveniente obrigal-os a depôr as pastas.

Não calam porém em todos as boas rasões, e por isso a desarmonia se reflecte na imprensa do mesmo partido. Os que vêem as coisas mais ao largo, e receiam que as pressas tragam as difficuldades e os atrictos, que já em 1881 existiam, aconselham a moderação, prégam a continencia, e affiançam que não é azado o ensejo para fazer propaganda contra os precedentes fixados pela propria regeneração. Teem porem de luctar contra a corrente dos que querem tudo á sua imagem e semelhança. Parece um rancho de famintos, para quem não ha vitualhas, que lhe saciem o apetite.

Agora aventa-se a hypothese de aproveitar a reunião das côrtes geraes por occasião da ratificação do juramento do principe real, a fim de se lavrar um protesto contra a dictadura. Este era o plano do sr. Thomaz Ribeiro, e que foi publicado por elle n'um jornal que recebe directamente as suas inspirações.

Não se nos afigura viavel a tentativa, como nunca tomamos a serio a que se fez no Porto por parte do dictador da junta geral d'aquelle districto. Em plena sessão, é inadmissivel o projecto, e não se hão de insurgir contra a constituição aquelles mesmos que se arvoraram em cavalleiros andantes para a defenderem. Alem de ser maior a offensa, seria um acto de indelicadesa altamente reprehensivel. Affrontariam o pacto fundamental, e melindrariam o principe, regente d'estes reinos em nome d'el-rei. Alem de uma irreverencia aos principios, consubstanciaria o facto uns propositos de má creação, que estão longe dos habitos cortezes do sr. Thomaz Ribeiro e do sr. Fontes, que de certo se oporiam á demonstração que comprometteria o seu partido, affastando-o por muito tempo do poder.

Tambem não nos parece rasoavel, que apoz a sessão os pares e deputados reunam em qualquer parte, afim de lavrarem ahi o seu protesto. Nenhum valor teria a manifestação, sendo até inferior nos resultados ás tentativas que se fizeram no Porto. Além de que, os pares e deputados teem o seu logar na proxima sessão de janeiro. E' então que devem uzar do seu direito. Até ahi não se impacientem, nem atropellem a praxe estabelecida. Pugnem pelas suas idêas, mas dentro da orbita da legalidade e da conveniencia partidaria. E não sabemos que resulte proveito de se fazer o contrario. E' ainda muito cedo para agitar o paiz, e qualquer demonstração que fizessem na presente conjunctura seria sem consequencias apreciaveis.

E' preciso bom juizo e muito tacto politico. E não vão comprometter o seu futuro, arriscando-o n'uma cartada, que fatalmente lhes ha de ser contraria.

APRECIAÇÃO CORRECTA

São do *Jornal da Noite* as considerações que vão ler-se:

> «O sr. D. Luiz, modelo dos reis, por tal modo desempenha o seu papel, que não ha governo que não chegue a convencer-se de que é com effeito um governo *pessoal*... El-rei segue com a maior prespicacia as tendencias da opinião, difficeis, alliás, de descortinar entre nós, porque são muito reservadas, muito dissimuladas, muito secretas. Desde que chama ao poder o partido e os homens que entende serem desejados pela opinião. dá-lhes toda a força, todo o apoio, deposita n'elles uma confiança incondicional.
>
> «Dizia-se que el-rei era regenerador, hoje diz-se que é progressista; é incontestavelmente, da opinião e do paiz; isso é, e só isso.
>
> «Quando se acceitou a asserção de um observador profundo das cousas e dos homens politicos da nossa terra, ao dizer que só o rei aqui tem força, não se reparou em toda a verdade de que está repassado este elevado conceito, porque todos se contentaram em tomal-o ao pé da letra.
>
> Se o rei tem força, porque o rei é a representação legitima da opinião, que é a verdadeira força, a força invencivel, contra a qual só os insensatos se atrevem a investir.
>
> ....
>
> «Os homens que constituem uma situação pedem ao poder moderador quanto tem por indispensavel para exercer a sua missão. Pedem para serem substituidos, ora um ora outro; ás vezes os que se fazem substituir tornam a entrar; passam do reino para as obras publicas, andam para traz e para diante, dão baixa de posto dentro do gabinete, e el-rei consente. Pedem adiamentos e prorogações das côrtes, e el-rei annue. Pediam fornadas, e el-rei concedia-as. Foi republicano algum, reformista, progressista, e depois apparece regenerador; el-rei acolheu-o de boa sombra. Foi tudo isso, e depois fez-se progressista, e el-rei acceita-o.
>
> «Quando a opinião principia a dizer: «basta!» el-rei despede o gabinete. Vem outro, e tem concessões eguaes ou equivalentes. Acodem então—e aqui principiam as contradicções—acodem os que foram substituidos, e eil-os a bradarem: «isto não pode ser! estes senhores teem tudo quanto querem.—Já se não lembram do que tiveram!—Dissolução de côrtes, pares, e até dictadura; ora vejam, até dictadura.»
>
> «As concessões, a que alliás a opinião não se oppõe, haviam de ser para uns; para outros nada, absolutamente nada.
>
> «Que destinos tão attribulados seriam os de el-rei, se o monarcha seguisse o que lhe dizem, o que lhe insinuam tão bons conselheiros, que só tratam de si, sem nunca quererem saber do resto, quando, ém relação á causa publica, o resto são elles!»

Estamos d'accordo. Assim tem sido com effeito, e se ás vezes as paixões sobrelevam a razão, ninguem, a sangue frio deixa de fazer justiça a el-rei, á illustração do seu caracter, e aos predicados que o distinguem pelos primores da educação, e pela excellencia das intenções.

E não dizemos isto hoje, que está no poder o partido progressista. Já assim o sentimos ha muito, fazendo-lhe completa justiça.

No systema representativo não podem os partidos eternisar-se no poder, e é de boa politica saber esperar, não precipitando os acontecimentos. Infelizmente nem todos assim pensam, e d'ahi os transtornos e as perturbações que n'estes ultimos annos tanto teem prejudicado a cousa publica.

AO CORRER DA PENNA

Ha fados adversos, assim como ha estrellas propicias. Ha gente sã e escorreita do juizo, que vê e trata bem as questões em que entra, que inspira confiança a muitos ou a quasi todos, sem que todavia saiba nada de floricultura, chegando a não distinguir uma dhalia de uma papoila. Ha individuos, pelo contrario que são uns pimpões em botanica, que teem na memoria o nome technico de todas as plantas, que são um cathalogo vivo da jardinagem mais requintada, e que levam as lampas ao Loureiro na distincção e apreço do que ha mais raro em fructos e flores; mas que ao entrar na vida pratica dão raias de grande calibre, e que não escrevem um nome, ou não põem uma virgula que não digam tolice graúda.

O que dizemos prova mais uma vez, que nem tudo é para todos, e que nem todos são para tudo. Omniscientes... são como que planta exotica n'este mercado da vida. Os que se persuadem sel-o, dão-se apenas em pabulo á galhofa dos Democritos de meia tigella, que os ha por ahi que farte, para os contrapôr aos engulhos das vaidadesinhas balofas, germanisadas só na esquisitice e aprumo da encadernação de que fazem uzo.

Mas vamos ao que importa. O mundo dos pataratas é grande, e o que estarrece a gente é a importancia que se arrogam, distilando vaidades, como se não coubessem na pelle, surprehendendo que haja ainda alguem que os admire, não obstante o sainete de Boileau, que poz em pratos limpos a razão do feito, declarando os admiradores dignos do admirado.

Estes tupinambas da litteratura e da administração fazem politica com o mesmo criterio com que julgavam processos contenciosos em divergencia com a opinião que ácerca d'elles tinham emittido na imprensa. Se como escriptores protestavam contra a validade da eleição municipal d'Ovar, e diziam que a de Estarreja havia corrido com toda a legalidade, iam depois como conselheiros de districto votar a favor das patifarias d'Ovar, e pela annullação do acto eleitoral d'Estarreja.

Se intervinham na politica, arranjando votos, procuravam excluir um dos candidatos recommendados pelo seu patrono, o governo regenerador, a fim de prehencherem a vaga com o seu nome; e como a trica não produzisse effeito, botaram depois manifesto, declarando aos seus admiradores que *não tinha ainda chegado a hora* de dar largas ao seu genio, parodiando André Chenier ao fazer acreditar que na sua cabeça havia mais alguma cousa do que o que os outros supunham, dizendo-se apostolos de idêas, que o mundo ainda não estava preparado para comprehender e muito menos para apreciar. E tudo porque ficara gorada a sua candidatura regeneradora, pois que sem o apoio do governo de 1884 não ousariam submetter o seu nome ao voto do collegio eleitoral.

Depois saltaram na imprensa advogando com uma tenacidade digna de melhor causa, a supressão do districto, parlapatando sobre o assumpto, dizendo que tal medida em nada prejudicaria Aveiro, como se a deslocação alvitrada não fosse o bote de misericordia na terra que foi o berço e é o tumulo de José Estevam!

Depois ainda, deu bordoada nos seus antigos correligionarios, quando dois ou tres foram á estação com musica fazer côro com o rei de Paredes, a proposito da reforma administrativa, que tinha posto cobro ás tropelias do primeiro dictador do continente e ilhas adjacentes. A nenia entoada aos bons rapazes, instrumentos da manifestação, serviu tambem para attestar a lealdade da camaradagem em que uns e outros andaram por esse mundo de Christo.

Agora... temos caso novo, que seria extraordinario, se a historia não nos tivesse dado a bitola do que ha a esperar de sujeito de opiniões tão variadas.

Querem saber sobre que versou a sua ultima palinodia? Foi sobre a nomeação do snr. Fernando de Vilhena para fiel do correio d'esta cidade. Já se sabe combateu-a, graças ao seu novo credo politico, pois dizendo-se progressista á ultima hora, não lhe soffreu o animo que o auctor do poemeto *Jaymiades*, fosse collocado em emprego publico, como prova da consideração em que o governo tem as suas variadas aptidões e serviços.

E querem saber como elle impugna o facto? Allegando que «os antecedentes politicos do nomeado, a sua filiação, e as luctas partidarias em que tem andado envolvido, não podem inspirar confiança a todos, para que os adversarios lhe possam confiar telegramas que não raro conteem um segredo politico; que os mesmos adversarios se acham collocados em situação melindrosa, e embora o agraciado exerça o cargo com o maior escrupulo, nunca aquelles poderão tratar com elle com a liberdade e a confiança que é condição essencial áquella instituição.» E conclue com a seguinte loa:

> «Este é um dos casos em que não basta ter probidade no cumprimento das suas obrigações; é preciso tambem que a virtude seja unanimemente reconhecida; é precisa, é essencial a confiança de todos.»

Não teve o sr. Fernando de Vilhena o beneplacito do homem, porque segundo consta havia promettido a outro a sua protecção. E vae se não quando não poude resistir ao malogro, ficando desapontado e desorientado, como vamos demonstrar.

As funcções de fiel nada teem com os aparelhos telegraphicos, que, diga-se de passagem, devem estar em gabinete reservado, e não na sala em que se recebe e expede a correspondencia, conforme as pessimas condições em que actualmente se acha a estação telegrapho-postal d'Aveiro. O fiel tem a seu cargo: a requisição e venda de estampilhas postaes, a emissão de vales, e o registo da correspondencia official e particular. Nada tem pois com o serviço telegraphico, que está confiado a outros empregados. Por tanto os telegrammas recebidos ou transmittidos alli não passam *pela mão do fiel*, nem elle tem ingerencia no assumpto, que fez objecto da dissertação mal intencionada do correspondente que a *Provincia* tem em Aveiro.

Eis a competencia com que são apreciadas pessoas e cousas, quando as paixões pequeninas se antepõem á razão, obscurecendo a intelligencia dos sabios. E para assoalharem tão supina ignorancia como requintada má fé, andaram a ruminar o caso uns poucos de dias, espectorando a sua má vontade em frases agridoces, e tendo ainda o descoco de se dizerem progressistas... mas da vida nova!

Os processos de que uzam são porém tão primitivos, que para dourarem a pilula, admittiam que houvessem telegrammas politicos e até probidade sem virtude, e virtude sem probidade! Vejam lá como a moral anda invertida, e como é mais facil tratar de flores, que fazer politica franca e honesta, abandonando de vez as encrusilhadas em que só viça e se desenvolve a alicantina e a tramoia dessorada.

REGULAMENTO GERAL DOS LYCEUS

I

Da organisação do ensino

Artigo 1.º O anno lectivo começa no dia 15 de outubro de um anno civil e termina em igual dia do anno civil immediato.

Art. 2.º No primeiro dia util do anno lectivo realisar-se-ha em cada lyceu a abertura solemne dos cursos e distribuição dos premios conferidos no anno anterior aos alumnos do mesmo lyceu.

Art. 3.º Alem das ferias desde o 1.º de agosto até ao 1.º de outubro, são feriados geraes todos os domingos e dias santos de guarda, oito dias a começar na vespera do natal, a segunda e terça-feira depois do domingo da quinquagesima, quarta-feira de cinza, oito dias a começar na segunda-feira da semana santa, e bem assim os dias de grande gala e de luto nacional.

Art. 4.º Para os exercicios escolares, alem das aulas, gabinetes de estudo e instrumentos, haverá nos lyceus, sempre que seja possivel, e para cada grupo de disciplinas, salas de estudo presididas por um ou mais professores do respectivo grupo.

§ 1.º As salas de estudo têem por fim proporcionar aos alumnos dos lyceus o meio de melhor se habilitarem cada dia para o cumprimento das obrigações escolares do mesmo dia ou do seguinte, para maior facilidade e proficuidade do estudo feito sob a direcção de pessoas idoneas.

§ 2.º Funccionam as salas de estudo em todos os dias uteis do anno lectivo durante hora e meia e a horas em que não haja aulas do respectivo grupo.

§ 3.º A distribuição do serviço das salas de estudo é feita pelo inspector, sob proposta fundamentada do conselho escolar.

Art. 5.º O ensino dos lyceus versa sobre todas as materias indicadas nos programmas.

§ 1.º Os programmas serão revistos quando as necessidades da sciencia determinarem a revisão.

§ 2.º Para a explicação e desenvolvimento dos programmas, o professor não poderá adoptar livros de texto que não estiverem superiormente approvados.

Art. 6.º O horario das lições e exercicios escolares será organisado pelos conselhos escolares com approvação do governo, respeitando-se as disposições relativas ao numero de lições, duração dos exercicios e distribuição das disciplinas.

§ unico. O horario do ensino do desenho em todos os lyceus, e do ensino do allemão e do grego nos lyceus centraes, será organisado de fórma que o professor de desenho dê duas lições por semana, de hora e meia cada uma, durante dois annos; o professor de allemão quatro lições por semana de uma hora e quarto cada uma, em dois annos; e o professor de grego tres lições por semana de uma hora e quarto cada uma, durante tambem dois annos.

Art. 7.º A distribuição das disciplinas pelos diversos annos do curso, o numero de lições por semana e a duração de cada exercicio constam do mappa seguinte:

CLASSES E ANNOS		DISCIPLINAS	Numero de lições por semana	Horas de trabalho por semana
1.ª classe	1.º anno	Lingua portugueza, 1.ª parte	4	5
		Lingua franceza	4	5
		Mathematica elementar, 1.ª parte	2	2 1/2
		Geographia	2	2 1/2
			12	15
	2.º anno	Lingua portugueza, 1.ª parte	4	5
		Lingua franceza	5	6 1/4
		Mathematica elementar, 1.ª parte	2	2 1/2
		Geographia e historia	3	2 3/4
			14	17 1/2
2.ª classe	3.º anno	Lingua latina, 1.ª parte	4	5
		Lingua franceza	2	2 1/2
		Mathematica elementar, 1.ª parte	3	3 3/4
		Principios de physica, chimica e historia natural, 1.ª parte	3	3 3/4
		Geographia e historia	3	3 3/4
			15	18 3/4
	4.º anno	Lingua latina, 1.ª parte	5	6 1/2
		Lingua franceza	2	2 1/2
		Mathematica elementar, 1.ª parte	3	3 3/4
		Principios de physica, chimica e historia natural, 1.ª parte	3	3 3/4
		Geographia e historia	3	3 3/4
			16	20
		SECÇÃO DE LETRAS		
3.ª classe	5.º anno	Lingua e litteratura portugueza, 2.ª parte	5	6 1/4
		Lingua latina, 2.ª parte	5	6 1/4
		Lingua ingleza	5	6 1/4
			15	18 3/4
	6.º anno	Lingua e litteratura portugueza, 2.ª parte	3	3 3/4
		Lingua latina, 2.ª parte	4	5
		Lingua ingleza	5	6 1/4
		Philosophia elementar	4	5
			16	20
		SECÇÃO DE SCIENCIAS		
3.ª classe	5.º anno	Lingua e litteratura portugueza, 2.ª parte	5	6 1/4
		Lingua ingleza	5	6 1/4
		Mathematica elementar, 2.ª parte	4	5
		Principios de physica, chimica e historia natural, 2.ª parte	2	2 1/2
			16	20
	6.º anno	Lingua e litteratura portugueza, 2.ª parte	3	3 3/4
		Lingua ingleza	5	6 1/4
		Mathematica elementar, 2.ª parte	3	3 3/4
		Principios de physica, chimica e historia natural, 2.ª parte	2	2 1/2
		Philosophia elementar	4	5
			17	21 1/4

II

Da admissão dos alumnos

Art. 8.º O praso para a admissão dos alumnos á frequencia dos lyceus, começa no dia 15 de setembro e termina no dia 10 de outubro.

§ unico. Para os alumnos que, na conformidade da lei, tiverem de fazer exame em outubro é prorogado o praso até ao dia 14 d'esse mez.

Art. 9.º O alumno que pretenda abrir matricula de frequencia, deve requerel-a ao respectivo reitor do lyceu, apresentando o requerimento ao secretario, o qual, depois de verificada a legalidade dos documentos, lavrará opportunamente o termo de matricula e archivará os documentos que a legalisam.

Art. 10.º Os documentos a que se refere o artigo antecedente são os seguintes:

Para a matricula em alguma ou em todas as disciplinas do primeiro anno:

a) Certidão que mostre ter o alumno dez annos de idade completos;

b) Certidão de approvação no exame de admissão aos lyceus ou no exame de instrucção primaria complementar;

c) Senha de pagamento da propina.

Para a matricula em alguma ou em todas as disciplinas do segundo, do quarto e do sexto anno:

a) Documento que mostre ter o alumno obtido approvação ou passagem do anno immediatamente anterior na disciplina ou disciplinas em que queira matricular-se;

b) Senha de pagamento da propina.

Para a matricula em alguma ou em todas as disciplinas do terceiro e quinto anno:

a) Documento de approvação em todas as disciplinas que constituem se dois annos da classe respectivamente anterior;

b) Senha de pagamento da propina.

Art. 11.º Para a matricula no primeiro anno da lingua allemã e de desenho são documentos indispensaveis:

a) Certidão de edade de dez annos completos;

b) Certidão de approvação no exame de admissão aos lyceus ou no exame de instrucção primaria complementar;

c) Senha de pagamento de propina dos ordinarios.

Art. 12.º Para a matricula no primeiro anno da lingua grega são exigidos os seguintes documentos:

a) Certidão de approvação na lingua latina (1.ª parte);

b) Senha de pagamento da propina dos ordinarios.

(*Continua.*)

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Já chegou e tomou posse do seu logar de engenheiro chefe de secção das obras da Barra de Aveiro o nosso intelligente e illustrado amigo, o sr. Figueiredo e Silva.

— Regressou do Porto o nosso bom amigo o sr. Elias Fernandes Pereira, dignissimo professor do lyceu,

— Esteve hoje em Aveiro o nosso illustre amigo, o sr. dr. José Xavier Cerveira e Souza, muito digno membro da commissão executiva da junta geral.

— Estiveram na quinta-feira em Aveiro os nossos prestimosos amigos, os srs. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, digno administrador do concelho de Sever do Vouga, e dr. José Rodrigues Pinto d'Azevedo, digno administrador do concelho de Albergaria a Velha.

— Fez exame de latim no Porto, ficando plenamente approvado, o sr. Francisco Couceiro da Costa, intelligente filho do nosso amigo, o sr. dr. Roy Couceiro da Costa.

— Chegou hontem de Lisboa o negociante d'aquella praça, e nosso patricio o sr. Antonio Maria Ferreira e sua esposa, com a resolução de se demorar aqui algumas semanas, indo passar o mez de setembro para a praia de S. Jacintho.

Estada.—Está actualmente nas Pedras Salgadas, no uso d'aquellas aguas, o sr. dr. José Rodrigues Ferreira Lopes, muito digno prior de Oliveira do Bairro. S. ex.ª conta regressar a sua casa no fim do corrente mez.

Mais.—Está em Espinho com sua ex.ma filha o sr. dr. José Joaquim da Silva Pinho, um dos caracteres mais respeitaveis do districto d'Aveiro.

Posse.—Tem estado n'esta cidade o sr. Adolfo Ferreira Loureiro, major do corpo de estado maior, e inspector das obras hydraulicas da circumscripção que comprehende o Douro e o Liz. S. ex.ª veio tomar posse dos trabalhos da barra e ria d'Aveiro, que pela nova organisação do ministerio das obras publicas, passaram para a sua direcção, tendo ido hontem áquelle local, a fim de ver o estado das obras, que ficam a cargo do chefe de secção o sr. engenheiro Figueiredo e Silva, que veio na sua companhia.

O sr. coronel de engenheiros Pereira da Silva assistiu á posse, e á entrega de todo o material.

O sr. Loureiro deve regressar hoje a Coimbra.

Mais.—Tomou posse ante-hontem do seu logar de fiel do correio d'esta cidade, o nosso querido amigo e collega, o sr. Fernando de Vilhena.

Commissão districtal.—Ha hoje sessão da Commissão Executiva da junta geral d'este districto, sob a presidencia do nosso collega dr. Barbosa de Magalhães.

Em serviço.—Sabiu ante-hontem para o concelho da Mealhada o nosso estimavel amigo, o sr. Antonio F. d'Araujo e Silva, digno director das obras publicas d'este districto, a fim de estudar a directriz de tres ramaes de estradas para a estação da Pampilhosa.

Acções dignas.—Por occasião do triste naufragio na barra o pobre naufrago foi soccorrido em casa do nosso estimavel patricio, o sr. João da Silva Mello Guimarães, prestando-lhe relevantissimos serviços o nosso amigo, o sr. Domingos Fernandes Cardoso, digno bombeiro voluntario.

Transferencia.—O sr. Alberto Carlos Freire d'Oliveira, escrivão de fazenda do concelho d'Albergaria, foi transferido para o de Certã, vindo o d'este concelho para alli.

Theatro Aveirense.—A direcção do theatro adjudicou hontem ao sr. Joaquim Nunes Branco, marceneiro d'esta cidade, o fornecimento de oitenta cadeiras para a plateia da sala de espectaculos, para substituirem as que provisoriamente lá estão desde a inauguração. Cada uma d'ellas custa á casa 2$600 reis assente alli. Foi o lanço mais favoravel que appareceu. As que ainda lá se conservam passarão para as frisas e camarotes. As novas cadeiras devem estar assentes no dia 1 do proximo mez de novembro.

Consta-nos que uma sociedade dramatica se propõe dar algumas recitas, revertendo o producto em beneficio da casa. E' seu director o sr. Guimarães, brigadas de cavallaria 10, que aproveita as suas horas d'ocio em instruir-se e em promover divertimentos, que dão a medida do seu bom gosto e das suas aspirações.

Deseja o mesmo sr. Guimarães, que o dinheiro que se apurar de tal proveniencia seja exclusivamente aplicado á decoração da sala, dourando os relevos de pasta, que lá existem em côr amarella. E' muito louvavel esta iniciativa, e nós aplaudindo-a, recommendamos ao publico, que a coadjuve tanto quanto couber em suas forças.

Concessão.—O governo acaba de conceder a casa da hospedaria do convento d'Arouca para um hospital, e bem assim um rico relicario, contendo pedras preciosas, pertença da Santa Mafalda, para patrimonio da egreja, satisfazendo assim ás justas exigencias dos povos, secundadas pelos esforços do sr. governador civil.

Avaliação.—Avalia-se em cerca de 500:000$000 reis o convento d'Arouca e suas pertenças, alfaias, moveis, etc. E' o valor que lhe dá o inventario official não entrando n'esta conta a egreja.

Lyceu d'Aveiro.—Tem continuado a haver exames das differentes disciplinas, e com poucas reprovações.

O nordeste.—Tem soprado valentemente todas as manhãs, resultando d'ahi mais intenso calor.

Aparecimento de cadaveres.—Tres dos naufragos do *Ascensão* foram arrolar á costa de Buarcos—12 leguas além da barra d'Aveiro, em frente da qual se deu a desgraça que tantas victimas fez.

Para o Senhor da Serra.—Partiram d'aqui numerosos romeiros para Coimbra, a fim de seguirem d'alli para a serra de Semide, em peregrinação á capella do monte.

Trabalho no mar.—Houve-o hontem em todas as costas do nosso littoral, mas com resultado ainda mais negativo do que o das semanas anteriores, pois que a pesca foi caranguejo em lanços de 3:000 e 5:000 reis! Continuam mal por conseguinte as cousas do mar.

Producção de sal.—Melhoraram bastante as condições d'esta industria, porque o tempo corre mais de feição para ella. Os sólos aqueceram bastante e as réduras são por isso em maior quantidade. O preço porém conserva-se em 22$500 reis o barco de 15:000 litros, e por esta cifra tem-se feito bastantes vendas. E por que não ha pescas que o consumam é de crer que este preço se conserve sem alteração para mais.

Pavorosos incendios!—São do nosso estimado collega da *Soberania* de 19 as seguintes noticias:

O concelho d'Agueda está rodeado de chamas! Desde a noute de terça-feira que se divisam nas extensas serranias do Caramulo e Talhadas, largos e intensos clarões, que ao principio se suppoz serem as grandes queimadas que na epoca actual se costumam fazer nas serras visinhas. São quatro os incendios de que temos noticia, mas só de dois é que sabemos alguns promenores, que não são completos, mas que devem interessar muito os nossos leitores. Nòs não duvidamos que a causa dos incendios fossem as queimadas, que, por um descuido qualquer vão augmentado a ponto de invadirem muitos matagaes, faceis de serem incendiados. A propagação faz-se em seguida rapidamente e eis que temos de assistir ao horrivel espectaculo da destruição de muitas searas, de muitos objectos indispensaveis á vida das povoações e muitas vezes até ao completo aniquilamento de logares proximos ás imprudentes queimadas das serranias. O primeiro incendio, começou no fundo da Rompilha, freguezia de Vallongo, d'este concelho, e continuou a lavrar por mattos, oliveiras, palheiros, seguindo em direcção a Cadaveira, Moutedo, Brunhido, e Adosferreiros. Outro principiou na quinta de Sarrascosa, na margem do norte do rio Alfusqueiro, queimando a quinta das Salgueiras, uma em Barcas, pertencente ao nosso amigo o sr. padre José d'Almeida Vidal, e ainda outra no valle denominado da Mulher, chegando ás alturas do Alfusqueiro. Entre estes dois incendios, que lavraram ao mesmo tempo, chegou a haver a distancia de 100 a 200 metros. Na povoação de Adosferreiros o povo fugiu, tendo de serem retirados gado e mobilias, por cauza de se receiar que o fogo lá chegasse! Ha outro incendio em Destriz, de que não temos conhecimento, e outro na freguezia d'Agadão, d'este concelho, e que nós proprios presenciámos. E' bello e grandioso o espectaculo que as chamas proporcionam á nossa vista! As chammas alteiam-se brilhantissimas, e o alastramento do incendio pelos mattos distingue-se facilmente, mesmo á enorme distancia que nos separa do logar incendiado. O incendio d'Agadão começou tambem na terça-feira, constando-nos somente que os moradores se têm fatigado inutilmente na sua *extincção*, pois que elle cada vez se vai ateiando com uma intensidade assustadora. Que bello, mas horrivel espectaculo! No proximo numero daremos informações mais amplas.

— Hontem á noite appareceu-nos uma pobre mulher Anna de Jesus, do Moutedo, d'este concelho, que se queixava amargamente d'uma grande perda que soffrera na noite de terça-feira, das nove para as dez horas da noite. Causava mesmo dó! Contou ella que andando a carregar uns sacos de milho do sr. José Joaquim de Bastos, de Segadães, para um carro de bois, que pastavam ao lado, descançadamente, estes, que eram seus, desaappareceram, não se sabe como, em quanto a Anna de Jesus foi dentro de casa. A mulhersinha, coitada, tem-se farto de correr em busca dos bois, ignorando se elles foram tão sorrateiramente roubados ou se fugiram—o que, n'este ultimo caso não o achamos muito provavel. Em todo o caso ahi ficam os signaes dos bois: um é preto, outro pardo e sellado—segundo as informações da dona.

— Na freguezia de Macinhata do Vouga, d'este concelho, tem grassado com intensidade o *garrotilho* nas creanças, tendo já feito muitas victimas.

Noticias Diversas

Abundancia.—Tem sido extraordinaria a pesca da sardinha nas costas da Galliza. Tanta tem havido alli, que os pescadores a teem cedido ás vendedoras com a condição d'ellas pagarem o respectivo imposto á fazenda—pois que tambem alli se paga imposto pelo producto da pesca!

Porto de Leixões.—*Molhe do norte:* —Desde o principio dos trabalhos da construcção do porto até ao fim do passado mez de julho, assentaram-se 214 blocos artificiaes no muro d'abrigo ou na superstructura argamassada d'este molhe com o volume total de 4339^{m}3,92, trabalho este que produziu um avanço para o mesmo molhe de 357^{m},67, e acham-se construidos nos respectivos estaleiros 56 blocos artificiaes para opportunamente serem empregados no referido muro de abrigo.

Durante o mesmo tempo foram lançados ao mar 17:079^{m}3,930 de enrocamento de 1.ª cathegoria, 5:723^{m}3,636 de 2.ª, 1:356^{m}3,707 de 3.ª, e collocaram-se nos mesmos enrocamentos 280 blocos artificiaes com o volume total de 5:600^{m},0. Acham-se construidos nos estaleiros 350 blocos artificiaes para serem empregados n'estes enrocamentos.

O volume de cantaria e respectivo macisso de alvenaria executado até ao fim do mez de julho é de 9:865^{m}3,349, e o volume de calçada argamassada construida ao nivel do plano-caes é de 531^{m}3,424.

Molhe do sul:—N'este molhe construiram-se, 265 blocos artificiaes dos quaes 151 com o volume total de 3:050^{m},20 foram assentes no muro de abrigo e 114 acham-se em deposito nos estaleiros, avançando este muro, em razão d'este trabalho, 398^{m},34. Foram lançados ao mar 16:787^{m}3,952 de enrocamento de primeira cathegoria, de 2.ª 4:415^{m}3,592, de 3.ª 449^{m}3,977, e construiram-se nos respectivos estaleiros 370 blocos artificiaes, dos quaes 113 com o volume total de 2:260^{m}3,0 foram empregados nos mesmos enrocamentos e 157 d'estes acham-se em deposito nos estaleiros.

O volume de cantaria e respectivo macisso de alvenaria é de 12:366^{m}3,554 e o de calçada argamassada ao nivel do plano-caes é de 1:539^{m}3,667.

A rêde de caminhos de ferro em serviço nos estaleiros e pedreiras de S. Gens tem o cumprimento de 16:623^{m},84, incluindo as vias destinadas aos grandes guindastes *Titans*.

Merçês honorificas.—*Titulo de visconde de Gerez, em vida*—Guilherme José de Barros, abastado proprietario, residente na cidade de Cametê, provincia do Pará, imperio do Brazil.

Gran-cruz da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo—Major general Nicolla Marselli, secretario geral do ministerio da guerra do reino de Italia.

Gran-cruz da ordem militar de S. Bento de Aviz—Cesare Ricotti Magnani, ministro da guerra do reino de Italia.

Commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo—Carl Goedelt, subdito allemão, consul geral da Liberia na Allemanha; dr. Josep Jardin, cidadão francez; Narcizo Martinez Sanchez, chefe da administração civil, actual official da secretaria da gobernacion no reino de Hespanha.

Commendadores da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa—Sebastião José de Barros, subdito de sua magestade o imperador do Brazil; Eduardo Martin, cidadão francez.

Commendadores da ordem militar de S. Bento de Aviz—Conde de Sarzedas, Francisco de Assis da Silveira e Lorena, major da guarnição do estado da India; Alberto Carlos de Moraes Carvalho, major de cavallaria do exercito do reino, sem prejuizo de antiguidade, governador do districto de Damão; Tenente coronel do estado maior Cesare Tarditi, director chefe de divisão do estado maior do ministerio da guerra do reino da Italia.

Cavalleiros da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo—Emigne Augens, cidadadão da republica argentina; Henry Koyelarts, consul de Siam e do Haiti em Bruxellas.

Cavalleiros da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.—José Rodrigues de Rezende, proprietario na freguezia de S. João de Loure, concelho de Albergaria a Velha; Arthur Schonvliége, capitão de artilheria de exercito francez.

Estrades e vias ferreas em Portugal.—Em 1852 havia 218:369 metros de estradas ordinarias no paiz. Em 1884 havia 4.174:956,8 metros de estradas reaes, 2.616:341,5 metros de estradas districtaes e 2.413:605,2 metros de estradas municipaes, e além d'isso mais 1.425:688,8 metros de caminhos de ferro de tracção a vapor: sul e sueste, leste e norte, Minho e Douro, Beira Alta, e Pampilhosa á Figueira da Foz e mais 90:381,5 metros dos mesmos caminhos da via no Porto á Povoa de Varzim e Famalicão e em Guimarães. A linha de Lisboa, a Cintra e Torres, e ramal da Merceana em construcção adiantadissima, mede 84:075,0 metros, sendo de Alcantara a Torres 65 kilometros, da estação de Cacem-Agualva a Cintra 8:400 metros e ramal da Merceana 10:675 metros. O caminho de ferro de Torres á Figueira da Foz e Alfarellos é de 162 kilometros, e o da Beira Baixa de 191. O ramal de Santa Comba a Vizeu é de 44 kilometros e o caminho de ferro de Mirandella é de quasi 54.

Envenenado.—Dizem de Amarante que se deu alli um lamentavel acontecimento. Indo o sr. Rodrigues Monteiro comprar á botica remedio para matar lombrigas, o boticario enganou-se e deu-lhe arsenico. O infeliz tomou-o innocentemente e poucas horas depois era cadaver.

Correio da moda.—Da *Moda Illustrada*, excellente jornal para as familias, que se publica em Lisboa, extrahimos a seguinte chronica:

«Quando o mez de agosto é tão cheio de bellos dias como tem sido este, é o mez em que vêmos as verdadeiras *toilettes* de verão, porque no nosso clima um pouco quente não se podem então soffrer outros trajes que não sejam os de foulard, rendas, musselinas ou granadines, tecidos finos e transparentes. Os vestidos brancos cada vez estão mais em voga, e devemos confessar que não ha nenhuns que mais proprios sejam para os 15 e 20 annos.

Usam-se em todos os tecidos, porque tambem em todos agradam. Os que mostram mais novidade são os de riscas, que se fazem do modo seguinte: Tiras de musselina de 15 centimetros de largo alternam-se com entremeios de renda, tendo estes 6 centimetros. Por baixo d'estes entremeios collocam-se fitas de setim ou falhe, da côr que se quizer, rosa, azul, heliotropo ou musgo, e applicam-se estas saias sobre outras de seda branca. E' mais novo e mais bonito do que applicadas sobre saias de côr. Os corpos são no mesmo genero, ou então todos brancos enfeitados com rendas, laços de fita nos hombros iguaes das fitas da saia. Outros, quer tenham abas quer não, usam-se abertos formando um V tanto no peito como nas costas, e fazem-se fechados, preenchendo este espaço com uma especie de camisette de outro tecido, *crepelisse* surah em pregas muito miudas, etc., que se prende no mesmo vestido. Velludo da mesma côr das riscas da saia, tendo dos lados rendas, e deixando apenas ao centro uma estreita tira a descoberto, produz magnifico effeito. Nas saias de musselina da India com barras bordadas, algumas modistas fazem as saias de seda branca de vestir por baixo com barra alta de seda de côr, sendo esta exactamente da altura do bordado. Um cinto estreito da mesma seda, uns laços nos hombros, um peitilho velado tambem por bordado, torna estas *toilettes* elegantissimas.

Como agora a moda até faz com que as rompas de vestir por baixo usadas no inverno sejam differentes das de verão, vamos fallar um pouco n'ellas. As camisas de percal ou bretanha são substituidas n'estes mezes pelas de foulard ou de pongée branco, salpicadas de pequenos pontos de côr, azues, vermelhos ou rosa, sendo as rendas o principal enfeite. Estas sedas, de um contacto suave, são muito agradaveis a usar no verão, mas a sua belleza passa depressa, porque a primeira lavagem lhes tira as cores. Será mau gosto, mas preferimos as camisas de musselina bem fina e transparente, que apenas se sente sob o collete de seda. Usam-se estas camisas marcadas na frente junto á golla com grandes lettras bordadas em branco ou côr.

Nas camisas de dormir, quer sejam todas brancas, quer tenham salpicos de côr, é que os bordados hungaros se applicam de preferencia a todos os outros. Estes bordados, de que o nosso jornal tem dado alguns desenhos e que se fazem com algodões de duas ou mais côres, estão cada vez mais em voga.

Nas *matinées* é que ha uma variedade espantosa, sendo estas, de verão, de surah enfeitadas com entremeios e rendas. Os entremeios collocam-se ao alto ficando transparentes; as rendas formam ruches e concheados em volta, subindo no peito e guarnecendo as mangas. Outras são de musselina adornadas com bordados, rendas e laços de fita.—*Elvira Gorjão.*»

Novas de Longe

As eleições no Brazil.—Nas eleições de deputados no Brazil venceu como se sabe, por grande maioria o governo, o partido conservador. E a opposição liberal ainda foi diminuida pelo apuramento das eleições na camara, aonde muitos foram excluidos. Um d'estes foi o deputado por Pernambuco, José Mariano, que ao sahir da sala da sessão em que o excluiram foi alvo de ruidosas ovações que continuaram das janellas das redacções do *Paiz*, *Gazeta de Noticias* e *Gazeta da Tarde*, nos banquetes que lhe foram offerecidos depois á sua passagem pela Bahia, e ainda de certo agora em Pernambuco para onde seguia.

O senador Augusto Leão offerecera-lhe em nome da deputação liberal pernambucana um bilhete de visita de ouro.

A manifestação operaria em Bruxellas.—Foi importantissima, a manifestação operaria, que no penultimo domingo se realisou em Bruxellas.

Concorreram operarios de Gand, de Amberes e de Malinas. O cortejo compunha-se de 15 a 16 mil manifestantes, muitos dos quaes levavam barretes phrygios, e entoavam canções revolucionarias. Appareceram tambem muitas mulheres, algumas das quaes vestiam de encarnado. A manifestação chegou aos ministerios ás 3 horas da tarde.

Nas janellas estavam os ministros, o corpo diplomatico e os politicos mais notaveis. Os manifestantes não solicitaram nenhuma entrevista com os ministros, porque a petição em favor do suffragio universal tinha sido entregue na vespera ao governo.

A petição era concebida nos seguintes termos:

«Ha 56 annos que só uma classe social disfructa o direito do voto. A egualdade dos belgas perante a lei é uma palavra vã. Ha uma minoria que reina sobre as massas e administra os negocios publicos a seu capricho e d'uma maneira iniqua. Os soffrimentos populares são intoleraveis. Os operarios soffrem no meio d'uma horrivel miseria. Já causados, pedem o direito do suffragio a fim de poderem occupar-se em melhorar a sua sorte. Negar-se-lhes satisfazer este pedido, seria provocar uma desastrosa crise.»

Julga-se que o rei concederá a clemencia aos operarios condemnados recentemente pelas desordens de março.

Reinou sempre a mais completa tranquillidade.

O aspecto da cidade á noite era alegre e animado.

O comboyo expresso do imperador Guilherme.—Este comboyo compõe-se, ordinariamente, de tres carruagens-salões, ligadas entre si por corredores cobertos. A carruagem do imperador, cujas paredes e tecto são forrados de damasco azul, compõe-se de um pequeno gabinete, onde, nas pequenas viagens, o imperador vae de pé junto da janella. D'este gabinete passa-se a um pequeno salão, tendo apenas um sophá e uma mesa; do outro lado está a cama do imperador, que o acompanha para toda a parte. Ao lado do salão está o gabinete de trabalho, mobilado com uma pequena mesa sobre a qual se vê um tinteiro de prata dourada, que serve de ornamento, e para uso um outro tinteiro de madeira. Em cima da mesa de trabalho está uma *étagère* com alguns objectos de arte, e ao alcance da mão a campainha para chamar o ajudante de serviço. Do escriptorio passa-se para um gabinete de *toilette*, e esta camara conduz a outro compartimento, o ultimo da carruagem, mobilado com dois sophás, uma mesa e um grande armario, tudo de uma grande simplicidade. Em communicação directa com a carruagem imperial acha-se a segunda carruagem, destinada á comitiva do imperador. Aqui a disposição dos compartimentos é completamente diversa. Depois de se subir uma escada chega-se a um gabinete com um lavatorio. D'alli parte um corredor, para o qual deitam as portas de entrada de cinco gabinetes separados. Cada um d'esses gabinetes tem uma mesa e dois sophás. Todos os gabinetes communicam, por meio do telegrapho, com os compartimentos do imperador. As carruagens são illuminadas a gaz. No corredor está o freio de segurança.

Um bispo em refens.—Consta que na Macedonia (Grecia), as quadrilhas de salteadores, cada vez se tornam mais atrevidas. Numerosos bandos de ladrões infestam as regiões visinhas á Grecia. No dia 11 do corrente, um d'estes bandos prendeu o bispo de Dassona e exigiu d'elle, grande resgate, sem o que não seria solto. Parece que as auctoridades turcas são impotentes para manterem a ordem e tranquillidade.

O governo grego tomou as medidas convenientes para impedir que os bandidos transponham as fronteiras; e a imprensa hellenica exprobra aos turcos as perseguições systematicas contra a colonia grega e sua egreja na Turquia.

A escarlatina.—Acaba de ser descoberto em Inglaterra um microbio que produz a escarlatina.

Em Marylebone, um dos arrabaldes de Londres, appareceu aquella febre eruptiva.

Os medicos, sabendo que todas as pessoas atacadas compravam leite na mesma vaccaria, submetteram-o a uma analyse rigorosa.

Esse exame demonstrou a presença, no leite, de organismos vivos, encarregando-se o dr. Klein, um dos medicos mais illustres de Londres, de os estudar. Depois de muitas experiencias o doutor arranjou um liquido adequado ao desenvolvimento dos germens. Tendo morrido todas as vaccas que fornecem o leite para a vaccaria de que fallamos, averiguou-se que haviam succumbido a uma enfermidade dos rins. O doutor fez injectar o liquido preparado nos uberos de duas outras vaccas; tres semanas depois os animaes morriam, apresentando todos os symptomas da escarlatina.

O dr. Klein é o mesmo que o governo inglez enviou á India para alli estudar o cholera. Demos tambem a Cesar o que é de Cesar. Ha annos o dr. Bechamp, da faculdade de Montpellier, descobriu no leite organismos vivos, a que deu o nome de *microzimas*; mas como n'aquelle tempo não se conhecia a theoria dos microbios, esta descoberta passou quasi desapercebida.

Hoje, com os novos estudos do dr. Klein, estudos que elle necessariamente desenvolverá a sciencia vae alcançar mais uma conquista.

As universidades na Allemanha.—Consoante uma estatistica publicada recentemente o numero dos estudantes matriculados nas vinte universidades allemãs eleva-se a 28:021 a saber:

1.ª Berlin, 4:434; 2.ª Leipzig, 3:060; 3.ª Munich, 3:035; 4.ª Halle, 1:518; 5.ª Breslau, 1:425; 6.ª Tubingue, 1:403; 7.ª Wuzbourg, 1:369; 8.ª Friburgo, 1:319; 9.ª Bonn, 1:293; 10.ª Gœttingue, 1:076; 11.ª Heidelberg, 1:036; 12.ª Gaifswald, 1:016. 13.ª Marbourg, 939; 14.ª Erlangen, 907; 15.ª Kœnigsberg, 871; 16.ª Strasburgo 856; 17.ª Iéna, 650; 18.ª Kiel, 542; 19.ª Giessen, 513; 20.ª Bostock, 313.

O augmento do numero dos estudantes foi muito consideravel n'estes ultimos annos; em 1880 era esse numero 20:966, e hoje é 28:021. São as faculdades de theologia e de medicina que viram crescer mais o numero dos alumnos, como se observa dos algarismos seguintes: theologos protestantes, 2:315 em 1880 e 4:685 em 1886; theologos catholicos: 638 em 1880 e 1:197 em 1886; alumnos de medicina, 4:018 em 1880 e 8:300 em 1886. O numero dos estudantes de direito diminuiu: de 5:201 em 1880, caiu em 4:912; na faculdade de letras, o numero dos estudantes era de 8:016 em 1886 e hoje é de 8:919.

A Esphynge do Egypto.—A Esphynge, o celebre monumento egypcio, vae, finalmente, ser desenterrado. Gerações de viajantes admiraram, durante seculos, o enorme esforço dos esculptores que floreceram antes que a pyramide de Chiops fosse construida, e emquanto que cidades sobre cidades eram desenterradas quasi, por melhor dizer, á vista da Esphynge, esta magnifica recordação d'uma raça foi desapparecendo envolta nas areias do deserto, não obstante o pedido inscripto na lapide de Tatmés, pedindo aos vindouros que protegessem a estatua das areias do deserto que já então a invadiam.

Ha vinte annos, Mariette bey, o famoso egyptologo, descobriu, não longe da Esphynge, um templo da mais remota antiguidade, que desde então foi posto em abrigo das areis, por meio de altas muralhas. E' feito de grandes pedras de granito rosado; tem por pilastras enormes monolythos quadrados, e não ostenta inscripção, nem adorno de nenhuma especie. Provavelmente é anterior ás pyramides, e tão antigo, que se attribue aos tempos primittivos da civilisação egypcia.

Brugsch bey, irmão do distincto archeologo, está encarregado das obras de exhumação, cujo plano se deve a Maspero. Suppõe-se que será necessario remover uns 200:000 metros cubicos de areia. Afim de inaugurar os trabalhos, construiu-se uma linha ferrea e trabalham na empreza 150 operarios.

A exhumação realisar-se-ha dentro d'este anno, e, logo que fique em descoberto a rocha em que está talhada a Esphynge, abrir-se-ha, em volta, um vasto passeio circular, e será construido um muro para defendel-a das futuras invasões do deserto.

E' difficil determinar a epoca em que foi esculpida a grande Esphynge, mas attribue se geralmente á epoca de esta Seneferu, pharaós, em cujo reinado o amor pela architectura era a paixão dominante.

Batalha de rãs.—A rã-touro habita principalmente nos vastos lagos e pantanos dos Estados-Unidos, onde alcança extraordinarias dimensões. O seu corpo é esverdeado e coberto de rugas e o seu aspecto-geralmente repelente.

Quando incha parece uma bola de carne putrefacta onde se vêem dois olhos d'uma fixidez incrivel; quando se arrasta pelo lodo lembra um monstro meio peixe e meio reptil; quando salta é uma massa horrivel que transpõe de um só pulo vinte ou trinta pés, sinistra e rapida como as visões d'um pesadelo; quando salta das margens das lagôas e dos paues, o seu grito de amor ou de guerra, um mugido formidavel, justifica o nome que lhe pozeram de rã-touro. E' comtudo um delicado manjar que se póde pagar a peso d'ouro. Quando chegam as grandes sêcas do verão, a rã-touro vê faltar-lhe a agua em que vive, sae para terra e arrastando-se ou saltando, deita-se a caminho, á procura de algum lago mais copioso.

Estas viagens são feitas em numerosas caravanas que atravessam em boa ordem pradarias e desertos. fazendo tremer as planicies da America com os seus singulares mugidos. Um instincto maravilhoso as guia até ao logar desejado e a sua marcha, sempre rapida, redobra de velocidade á medida que se aproximam do termo da viagem. Chegam por fim á terra da promissão, mas encontram ahi outros animaes da mesma especie, resolvidas a expulsar as intrusas.

Formam-se então dois exercitos que entram logo em ordem de batalha.

Deu-se ha tres ou quatro annos um d'estes casos nos arredores de Whindam, estado de Vermont, onde ha grandes lagos ou paues; separados por uma regular extensão de terra.

Um d'elles tinha ficado completamente em secco, e foi por ahi que os seus habitantes, de commum accordo, se dirigiram de noite e com todas as precauções d'um exercito invasor para a visinha lagoa. Ao fim de algumas horas chegaram e iam já a submergir-se em massa quando das margens se levantou formidavel grita e uma immensa legião de batraquios surdiram de repente resolvidos a defenderem os seus lares até ao ultimo extremo.

Os atacados tinham previsto com notavel lucidez o assalto das visinhas e esperaram-nas portanto, em ordem de batalha, até ao momento em que se precipitaram sobre ellas, coaxando com ameaçadora furia.

Travou-se uma lucta terrivel e encarniçada. Por duas vezes, conta o sabio Edward Becker, testemunha presencial do combate, as sitiantes estiveram a ponto de envolver as sitiadas; mas em ambas as occasiões foram repelidas com perda. Nas primeiras filas cahiam ás centenas as rãs maiores, sem duvida as capitães dos bandos inimigos, e eram immediatamente substituidas por outras menores, mas não menos intrepidas.

Ao fim de meia hora estava o campo alastrado de cadaveres e a carnificina apresentava um aspecto capaz de causar inveja aos proprios homens.

Impressionados por este estranho combate, os habitantes do Windham correram ao paul, persuadidos de que talvez duas tribus indigenas se estivessem massacrando. Esperava-os o espectaculo nunca visto de duas hostes, muito reduzidas em numero, de batraquios que enchiam com os seus gritos de triumpho ou agonia, um campo de batalha de cerca de um kilometro.

A peleja proseguiu sem que as rãs se mostrassem inquietas pela presença do homem e durou ainda uma boa parte da manhã. O combate prolongou-se mais de dez horas e só findou por falta de combatentes. O terreno ficou tão juncado de cadaveres, que foi necessario enterrar as victimas para que não dessem origem a alguma epidemia!

SUBSTITUIÇÃO DOS JUIZES DE DIREITO

O *Diario* publicou as seguintes providencias sobre as substituições dos juizes de direito:

Cumprindo providenciar para que as disposições respeitantes á substituição dos juizes de direito no continente do reino e ilhas adjacentes, com excepção dos das comarcas de Lisboa e Porto, estabelecidas no decreto de 29 de julho ultimo, sejam executadas uniformemente, bem como prevenir quaesquer duvidas que a tal respeito se possam levantar, ha por bem sua alteza real o principe regente, em nome de el-rei, determinar o seguinte:

Que a fórma de substituição estabelecida no artigo 31.° do decreto de 29 de julho ultimo só é applicavel no caso das faltas ou impedimentos dos juizes de direito se haverem dado depois do mesmo decreto se achar em execução, devendo por isso os substitutos, que a essa data se achassem a servir, continuar na substituição até os competentes juizes de direito entrarem no exercicio das suas funcções;

Que, com respeito ás comarcas que forem capitaes de districto, não podendo a fórma de substituição estabelecida no mencionado decreto, haver logar senão depois da installação dos respectivos tribunaes administrativos, devem por isso os juizes de direitos continuar até então a ser substituidos pela fórma determinada na legislação anterior;

Que, em vista das disposições do artigo 31.° § 2.° e do artigo 15.° § unico do mesmo decreto, combinadas com as do artigo 87.° da novissima reforma judiciaria, os conservadores privativos do registo predial, que forem advogados no auditorio do juizo em que faltar ou se impedir o respectivo juiz de direito, não podem substituil o por ser este um dos casos em que, nos termos do mesmo decreto, tem para isso impedimento;

Que a proposta do substituto que o juiz de direito tem de fazer na hypothese 3.ª do n.° H do artigo 31.° do mesmo decreto deve ser apresentada ao governo, quando os juizes se queiram ausentar dos seus logares no caso de licença, com o requerimento para esta, e em todos os outros casos com a antecedencia necessaria, á approvação do substituto antes do impedimento do juiz; não podendo este em caso algum abandonar o logar sem o substituto haver prestado juramento e tomado a respectiva posse;

Que os substitutos que teem de fazer parte dos conselhos de tutela serão nas comarcas, que forem capitaes de districto, os dois vogaes do tribunal administrativo a quem, na occasião em que aquelle tiver de se installar, couber primeiro o encargo de substituir o juiz direito, e nas outras comarcas o conservador privativo do registo predial da respectiva comarca, havendo-o, e nos casos em que não tiver impedimento, o juiz municipal, havendo-o, que se achar no caso 2.° do n.° H do artigo 31.° do citado decreto; na falta d'um d'estes a pessoa que o juiz de direito propozer nos termos da hypothese 3.ª do dito numero; e na falta d'aquelles dois, mais o presidente da camara municipal do concelho séde da comarca, ou quem suas vezes fizer;

Que os juizes de direito das comarcas onde nos conselhos de tutela hajam de entrar substitutos propostos por elles, devem, logo que se interponha recurso para os mesmos conselhos, fazer a respectiva proposta ao governo a fim de se proceder immediatamente á nomeação da pessoa que tem de funccionar no referido conselho.

Paço, em 14 de agosto de 1886.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*

MEDIDAS GOVERNATIVAS

O *Diario do Governo* publicou o seguinte:

Determinando o regulamento geral da contabilidade publica de 31 de agosto de 1881:

No artigo 21.°, que sejam computadas no orçamento geral do estado, e em regra como receita ordinaria, as receitas provenientes de proprios nacionaes e de rendimentos diversos;

No artigo 22.°, que sejam do mesmo modo incluidos no orçamento geral do estado como receita ordinaria ou extraordinaria quaesquer outros rendimentos ou recursos publicos, sejam de que natureza forem, previstos á data da organisação do mesmo orçamento;

No artigo 42.°, que nenhuma despeza possa ser determinada sem que previamente esteja auctorisada no orçamento geral, ou no rectificado, ou em lei especial que estabeleça a receita necessaria para lhe fazer face;

E sendo indispensavel dar-se inteiro cumprimento a essas disposições da lei, quanto ás receitas realisadas por intermedio da procuradoria regia junto da relação de Lisboa, taes como as rendas do edificio da Boa Hora e a prestação de 2:400$000 reis com que concorre a santa casa da misericordia de Lisboa para sustento dos presos pobres, e quanto ás despezas pagas por aquelles rendimentos: manda o principe real, regente em nome do rei, pela secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça:

1.° Que o conselheiro procurador regio junto da mencionada relação faça subir, pela repartição da direcção geral da contabilidade publica no ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, uma nota circumstanciada de todos as receitas que arrecada e despezas que realisa, não incluidas no orçamento geral do estado, a fim de que umas e outras o possam ser no orçamento rectificado para o corrente exercicio de 1886-1887, conforme a sua natureza, nos capitulos e artigos a que devem pertencer;

2.° Que as receitas já realisadas, pertencentes ao actual exercicio de 1886-1887, e as que de futuro realisar sejam entregues, acompanhadas d'uma guia em que se indique a sua proveniencias, nas caixas centraes do ministerio da fazenda;

3.° Que as despezas de que se trata sejam mensalmente relacionadas em duplicado, remettendo-se essas relações á mencionada repartição da direcção geral da contabilidade publica para, depois d'alli serem examinadas e competentemente approvadas, se ordenar o seu pagamento pela verba orçamental em que devem ser incluidas.

Paço, em 13 de agosto de 1886.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*

—

Cumprindo habilitar o governo com todas as convenientes informações, a fim de serem tomadas as providencias necessarias para que possa entrar em plena execução o systema penitenciario, estabelecido na lei de 1 de julho de 1867; e para que, quanto antes, seja levada a cabo a desaccumulação das cadeias do reino, especialmente das de Lisboa e Porto já encetada pelas provisões da lei de 15 de abril ultimo, e do decreto de 4 de junho seguinte: manda sua alteza o principe real, regente em nome do rei, que o conselheiro procurador geral da corôa e fazenda officie immediatamente aos procuradores regios, a fim de que estes, por si e seus delegados remettam, pela secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, relações dos nomes e edades dos presos existentes nas respectivas cadeias, acompanhando-as das notas dos crimes porque foram condemnados, das penas que lhes foram impostas, das reincidencias em que porventura tenham incorrido, e das comarcas, suas naturalidades, e em que foram julgados, devendo os procuradores regios do continente do reino e seus delegados remetter as referidas relações dentro de trinta dias, e o dos Açores e seus delegados dentro de sessenta dias, a contar da data da publicação da presente portaria.

Paço, em 15 de agosto de 1886.—*Francisco Antonio da Veiga Beirão.*

—

Devendo o governo, conforme as disposições da lei do orçamento, occorrer

---

Folhetim

O PORTA-BANDEIRA

(TRADUCÇÃO)

O regimento formava em batalha sobre um talude do caminho de ferro, e era o alvo de todo o exercito prussiano, concentrado em frente e protegido pelas arvores do bosque.

Fusillavam-se á oitenta metros. Os officiaes gritavam: «Em terra!...» mas ninguem obedecia, e a altiva pleiade de bravos continuava de pé, estreitando n'um circulo de ferro a sua heroica bandeira. N'esse grande horisonte do sol poente, de louras cearas, de pastagens, aquelle punhado d'homens, ennegrecido pela polvora, envolvido em densas nuvens de fumo, dava ares d'um rebanho, surprehendido em plena campina, pelo primeiro turbilhão de uma formidavel tempestade.

Chovia a metralha sobre o talude! Só se ouviam, o crepitar da fusillaria, o ruido surdo das marmitas ao cahirem no fosso, e as ballas que vibravam d'uma a outra extremidade do campo da batalha, como as cordas tensas d'algum instrumento sinistro e atroador. De tempos a tempos, a bandeira que se erguia altiva e heroica no centro do regimento, desfraldada ao sopro da metralha, abysmava-se no seio da densa fumarada: então, dominando a fusillaria, o estortor dos moribundos e as pragas dos feridos, erguia-se uma voz grave e altiva: «*A' bandeira, rapazes, á bandeira!...*» E um official, precipitando-se, rapido como uma sombra, no seio d'este nevoeiro rubro, empunhava com mão firme a heroica insignia, que reanimada, pairava de novo sobre a batalha.

Vinte e duas vezes cahiu!... Vinte *e duas vezes a sua haste ainda tepida*, abandonada pela mão d'um moribundo, foi de novo empunhada e reerguida; e quando ao pôr do sol, o resto do regimento—um punhado d'homens apenas—bateu lentamente em retirada, a bandeira era um farrapo crivado de balas, que o sargente Hornus, o vigesimo terceiro porta-bandeira do dia, erguia triumphante!

II

O sargento Hornus era um velho tarimbeiro, mal sabendo assignar o seu nome, e que tinha levado vinte annos a alcançar os seus galões de official inferior.

Todas as miserias da creança exposta, todo o embrutecimento da caserna, transpareciam n'aquella fronte acanhada e rugosa, nas costas curvadas pelo habito de mochila, no caminhar inconsciente de antigo soldado habituado á fileira. Além de todos estes predicados era um pouco gago, mas esse defeito tornava-se desculpavel, porque o posto de porta-bandeira não exigia a eloquencia. Na tarde da batalha disse-lhe o coronel: «Tens a bandeira meu velho; conserva-a.» E sobre o seu pobre capote de campanha, já trespassado pela chuva e pelo fogo, a vivandeira do regimento coseu immediatamente o galão dourado de alferes.

Foi o unico momento de orgulho n'esta vida d'humildade. O velho tarimbeiro empertigou-se de repente. O pobre homem, habituado a caminhar curvado e com os olhos no chão, tornou-se d'ahi em diante uma figura altiva, e o seu olhar sempre erguido via fluctuar constantemente o pedaço de seda esfarrapado, erguido sempre, bem alto, superior á morte, á traição e á derrota.

Hornus era o homem mais feliz do mundo nos dias de combate, quando apertava *entre as suas mãos a haste da bandeira*, perfeitamente segura no estojo de couro. Não fallava, nem se mechia. Serio como um sacerdote, parecia guardar algum objecto do culto sagrado. Toda a sua vida, todas as suas forças se concentravam nos dedos crispados em torno d'esse bello farrapo dourado sobre que choviam as ballas, e nos seus olhos cheios de desafio que encaravam os Prussianos com uma expressão que significava: «Elle está aqui!... Se querem tirar-m'o, experimentem!...»

Ninguem o tentou; nem mesmo a morte. Depois de Borny e Gravelotte, as batalhas mais mortiferas da guerra franco-prussiana, a bandeira esburacada, rasgada, ennegrecida, transparente de feridas, nunca deixou de ser empunhada pelo velho Hornus.

III

Chegou setembro. O exercito bloqueado em Metz, o longo acampamento sobre a lama, onde os canhões se atolavam e enferrujavam, onde as primeiras tropas do mundo, desmoralisadas pela inacção, pela falta de viveres e de communicações, morriam de febre e de tedio junto das fachinas, tudo contribuiu para arreigar a descrença no animo dos soldados e officiaes.

Só Hornus confiava ainda; amava apaixonadamente a sua bandoleira tricolor, e emquanto a sentisse a tiracol, nunca perderia a esperança. Infelizmente, como tinham cessado os combates, a bandeira fôra depositada em casa do coronel, que habitava em um dos arrabaldes de Metz. O pobre Hornus parecia uma mãe extremosa, a quem a necessidade obrigasse a confiar seu filho aos cuidados d'uma ama. Quando o tedio o dominava, ia a Metz d'uma corrida, e depois de a ter visto no mesmo logar, encostada ao muro, regressava ao acampamento, cheio de coragem e de paciencia, revolvendo no seu cerebro enthusiasta, novos planos de batalha, de marchas forçadas, de cargas furiosas, em que a sua bandeira seria a primeira a fluctuar altiva nas trincheiras prussianas.

Uma ordem do dia do marechal Bazaine desmoronou n'um momento o castello de cartas das suas illusões. Uma manhã, Hornus, ao despertar, viu um movimento extraordinario em todo o acampamento; os soldados em grupos, cheios de colera, indicavam com os punhos crispados o mesmo ponto da cidade, como se a sua colera designasse um culpado. Gritavam: «*Apoderemo-nos d'elle!... Fusillemol-o!...*» E os officiaes guardavam silencio... Caminhavam a distancia com a cabeça baixa, como se tivessem pejo de que esses homens lhe cuspissem na fronte alguma verdade amarga. E com effeito, era uma vergonha sem precedentes! Acabavam de lêr a cento e cincoenta mil homens, bem armados, ainda validos, uma ordem do marechal, que os entregava ao inimigo sem combate.

«E as bandeiras?» perguntou Hornus empallidecendo... As bandeiras tinham sido entregues ao inimigo, com espingardas, equipagens e tudo emfim, que restava ao exercito...

«Com mil... com mil bombas!... balbuciou o pobre homem. O meu é que elles não apanham, palavra d'Hornus...» E deitou a correr para a cidade.

IV

Na cidade reinava grande animação. Guardas nacionaes, burguezes, guardas moveis e civis, vinham, gritavam, agitavam-se. Algumas deputações, frementes de colera, dirigiam-se a casa do marechal. Hornus, nada via; nada ouvia. Fallava com os seus botões, subindo a rua onde morava o coronel.

«Tirarem-me a minha bandeira!... Pois não!... Sempre queria que me dissessem que direito lhes assiste de o fazerem?... Que dê aos prussianos o que lhe pertence, os seus coches dourados, a baixella dourada que roubou no Mexico, mas a mi... com mil diabos!... A bandeira pertence me. E' a minha honra. Prohibo-lhes que lhe toquem.»

Todas estas phases entrecortadas eram ditas correndo e gaguejando; mas o velho tarimbeiro lá tinha a sua ideia! Uma ideia perfeitamente clara, definida, admiravelmente architectada: pegar na bandeira, leval-a ao regimento, e passar por cima dos prussianos com todos que quizessem seguil-o.

Quando chegou a casa do coronel, nem mesmo o deixaram entrar. O coronel estava furioso e não fallava a pessoa alguma... mas Hornus pouco se importava com isso.

Praguejava, gritava, insultava a sentinella: «A minha bandeira... quero a minha bandeira...» Por fim abriu-se uma janella;

— E's tu, Hornus?

— Em pessoa, meu coronel, venho...

— Todas as bandeiras estão no Arsenal... Vae lá e dar-te-hão um recibo...

— Um recibo?... Para que?...

— E' ordem do marechal...

— Mas, coronel...

— Vae para o diabo!... e o coronel fechou a janella.

O velho Hornus combaleou como um homem embriagado. «Um recibo... um recibo...» repetia elle machinalmente... Emfim, poz-se de novo a caminho, comprehendendo apenas que a bandeira estava no Arsenal e que era mister readquiril-a a todo o transe.

V

As portas do Arsenal estavam abertas de par em par, para permittirem a entrada das fourgons prussianos que esperavam, alinhados, na rua.

Hornus ao entrar, estremeceu. Lá estavam todos os outros porta-bandeiras; cincoenta ou sessenta officiaes, pallidos, consternados, silenciosos; as carruagens açoutadas pela chuva e estes homens com as cabeças descobertas, agrupados na rectaguarda, davam áquelle espectaculo a apparencia de um enterro.

A um canto, encontravam-se todas as bandeiras de Bazaine, confundidas sobre o pavimento lamacento. Nada mais triste do que esses farrapos de seda tricolor, e esses restos de franjas d'ouro e de hastes esculpidas! Todas essas reliquias gloriosas lançada por terra e cobertas de chuva e de lama, causavam compaixão!

Um official da administração pegava n'elles a um por um, e ao chamarem o seu regimento, cada porta-bandeira avançava para lhe entregarem um recibo. Dois officiaes prussianos, perfilados e impassiveis, vigiavam o carregamento.

E as santas reliquias de um passado glorioso, esses estandartes que tinham percorrido a Europa, vencendo e dominando os povos e pairando como o anjo da victoria sobre os baluartes inimigos, abandonavam a patria, varrendo tristemente a calçada, como aguias a quem tivessem privado das azas!

Cada uma d'essas bandeiras, ao abandonar o seu regimento, arrebatava comsigo uma parte da França. O sol das longas marchas permanecia occulto nas suas pregas. Os buracos abertos pelas ballas guardavam a recordação gloriosa dos mortos desconhecidos que tinham cahido ao accaso, debaixo do estandarte alvejado.

«Hornus, é a tua vez... Chamam-te... vae buscar o teu recibo...»

Então, sempre era verdade?!... Hornus estava em frente da bandeira. Era com effeito a sua, a mais bella, a mais mutilada de todas!... E ao tornar a vel-a, julgava-se ainda sobre o talude. Ouvia o sybilar das balas, e a voz forte e energica do coronel, exclamando: «*A' bandeira, meus rapazes!...*» Depois, os seus vinte e dois camaradas lançados por terra, e elle, o vigessimo terceiro, arremessar-se rapido como o relampago e empunhar a pobre bandeira que vacillava sem arrimo. Ah! N'esse dia, jurára elle defendel-a e conserval-a até á morte! E agora...

Ao pensar em tudo isto, uma onda de sangue lhe invadiu o cerebro. Desvairado, allucinado, louco, lançou-se sobre o official prussiano, arrancou-lhe a sua querida insignia e estreitou-a com phrenesi entre as suas mãos calosas; depois, quiz hasteal-a ainda bem alto, gritando: «A' bandei...» mas a voz affogou-se-lhe na garganta. Sentiu a haste tremer e vacillar nos seus dedos crispados. N'aquella athmosphera lugubre e triste que envolve as cidades vencidas, as bandeiras não podiam desfraldar-se, os corações altivos não podiam palpitar... E o velho Hornus cahiu fulminado!

JOSE' CUNHA.

com a devida regularidade ao pagamento dos encargos publicos, ordinarios e extraordinarios, e sendo de manifesta conveniencia que as operações em conta da divida fluctuante interna para o indicado fim e para representação da receita sejam effectuados com a melhor vantagem possivel para o thesouro: hei por bem, em nome de el-rei, determinar o seguinte:

Artigo 1.° A emissão de bilhetes ou escriptos do thesouro, a cargo da direcção geral da thesouraria do ministerio da fazenda, nos termos do regulamento geral da contabilidade publica, será feita por meio de annuncio publicado na folha official do governo, fixando a importancia a emittir e respectivas condições.

Artigo 2.° Os bilhetes do thesouro, cuja emissão fôr auctorisada, serão assignados de chancella pelo ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e terão o sello da referida direcção geral e as rubricas do respectivo director geral e do thesoureiro pagador do mesmo ministerio.

O ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 12 de agosto de 1886.—PRINCIPE REGENTE.—*Marianno Cyrillo de Carvalho.*

PORTUGUEZES NA INDIA

ANTONIO DA SILVEIRA EM DIU

1538

João de Barros e Diogo do Couto, narrando, n'um quadro completo, os extraordinarios feitos do cêrco de Diu, commovem-nos muitas vezes no seu estylo elegante, terso e masculino; porém o auctor da—*Lendas da India*—em linguagem barbara, produz-nos, em varias passagens, impressão porventura ainda mais profunda.

A figura de Antonio da Silveira, que, no valor, desassombro de animo e firmeza na adversidade não tem quem a exceda, nem nos tempos antigos, nem nos modernos, nenhum chronista d'aquella epocha a pinta com tamanha elevação e verdade, apesar da incorrecção da lingua, como Gaspar Correia.

Ninguem como elle, nem o proprio Fernão Lopes de Castanheda, possue o conhecimento dos homens e das coisas d'aquelles tempos.

No desprendimento e franqueza com que falla, não poupando as mais altas personagens, quando a circumstancia o requer, só Castanheda, n'alguns lances, se approxima d'elle, mas não o excede.

Resumiremos aqui, porque são da indole d'estas «Scenas», alguns rasgos e algumas phrases, rasgos grandiosos e phrases profundas, que ficariam ignorados, se não escrevera a sua obra aquelle soldado obscuro, que foi secretario e amigo de Affonso de Albuquerque.

Desbaratado Francisco Pacheco no seu baluarte da Villa dos Rumes, começaram as transacções para que se rendesse, o que veio a effectuar-se.

Antonio da Silveira, capitão de Diu, não lhe podia acudir. São, porém, notaveis as palavras que elle diz a Antonio Falleiro, que, depois de caido nas mãos do inimigo, fôra enviado como emissario por Coje Sofar:

«Dizei a todos esses senhores que, se com o meu sangue os podéra salvar, já fôra feito. Que se lembrem da morte e paixão de Nosso Senhor, que por nós padeceu na cruz sob a qual lembrança eu espero n'elle que nem minha pessoa, nem estes cavalleiros, que commigo estão, não sairemos, nem largaremos a fortaleza com as almas nos corpos. E isto é verdadeira verdade. Ainda que tiveramos agora uma ponte de oiro, por que nos foramos metter em nossas casas, onde nascemos.»

Rendido Francisco Pacheco, os rumes não cumpriram as condições da capitulação, metteram sessenta portuguezes ao banco de suas galés, e mandaram matar os feridos.

Ufanos com esta victoria, e informados por Antonio Falleiro, que comprára a vida a preço de traição, dos apertos em que estavam os da fortaleza de Diu, mandaram um emissario a Antonio da Silveira, intimando-lhe arrogantemente que se rendesse.

O capitão dos rumes era um eunucho, e trazia comsigo grandes forças e provisões soberbas. A isto juntava-se a gente de Coje Sofar, Antonio da Silveira via-se a braços com um mundo, tinha a fortaleza mal abercebida um punhado de homens para a defender, e tenuissimas esperanças de que o vice-rei podesse mandar-lhe algum soccorro.

A 3 de setembro de 1538 o mesmo Antonio Falleiro, vestido de rume, porque o não conhecera, veio ao sopé do baluarte, annunciando cartas do capitão. Deitaram-lhe um fio a que elle atou as missivas.

Antonio da Silveira, reunindo os seus, abriu-as e leu primeiro a de Francisco Pacheco, dizendo em seguida:

«Bem parece esta carta de captivo.»

Pacheco não se vendera como Falleiro, mas estava succumbido, e aconselhava ao capitão que se entregasse, mediante certas condições, muito vantajosas para todos.

Antonio da Silveira poz de banda a carta de Francisco Pacheco, não sem mal contido desdem, e, tomando a do capitão dos rumes, disse para os seus:

«Vejamos agora o que diz o perro do capado.»

E leu a carta diante de todos. Depois pediu penna e papel e dictou a resposta. Não podemos transcrevelas n'estas «Scenas».

E' um primor de audacia!

Atira á cara do mutilado com as ultimas injurias da tarimba, no mais puro, no mais nacional, no mais vernaculo estylo realista!

Aquelles homens tinham muito da escola shakspearina; quando os lemos, fazem-nos rir e chorar no mesmo acto e na mesma scena!

Sobre o baluarte de Gaspar de Sousa determinaram os turcos que devia de ser a força do primeiro assalto. Folheemos algumas paginas de Diogo do Couto, e, sem querermos substituir o nosso estylo ao do primoroso auctor do *Soldado Pratico*, resumamos alguma d'essas paginas, em que se trata dos meios de ataque e dos soberbos instrumentos de guerra de que dispunham os inimigos de Antonio da Silveira.

O capitão dos rumes mandou collocar a artilheria nos seus pontos estrategicos, o que se fez com grande trabalho de muita gente e juntas de bois.

Eram colubrinas grandes e pequenas, que lançavam pelouros de sessenta e cinco libras até duzentas; um passa-volante, um basilisco, duas aguias, dois leões e varias peças pequenas. Tudo isto foi assestado para o ponto onde depois se levantou a egreja de S. Domingos.

N'outro logar, a pouco mais de oitenta passos da fortaleza, dispoz dois basiliscos, duas aguias, dois leões e outros canhões menores. Hansede Baxá com dois mil turcos commandava a artilheria, Coje Sofar estava á frente de treze mil homens.

Antonio da Silveira, com os seus valentes, tão poucos em numero, tendo dentro da praça mulheres, velhos e creanças, esperava impassivel que as ondas dos inimigos rebentassem sobre elle e o subvertessem!

Entre os assaltantes vinham bungaros e venezianos, que, a par dos turcos, eram homens de guerra decididos e experimentados. Rompeu o fogo.

Ouçamos agora as palavras textuaes de Diogo do Couto, a que se não póde tirar nem accrescentar uma virgula:

«A bateria foi-se continuando n'aquelle baluarte de Gaspar de Sousa, em que se descarregou aquella tempestade e multidão de basaliscos, selvagens, leões, aguias, que lhe arrazaram, n'esta primeira mostra, todos os altos, ameias e contra-ameias, cegando-lhe as mais das peças, que era o que elles pretendiam, quebrando-lhe um camelete em muitos pedaços, e a boca de um formoso leão.»

Antonio da Silveira comprehendeu ser por aquelle ponto que lhe queriam dar o assalto, e, durante a noite, apercebeu-se e reparou-se, como póde, para receber os seus hospedes.

Ha uma phrase de Diogo do Couto, que, em quaesquer outras circumstancias, teria o sabor picaresco de hyperbole andaluza, mas que é grandiosa em lances taes.

«Aquelles homens, diz elle, pelejavam com as tripas n'uma das mãos e a espada na outra.»

Só assim se póde comprehender o que fizeram!

Os assaltos repetiam-se todos os dias. Os lumes e os mouros caíam por centenas ao faim dos nossos quando queriam entrar á escala vista, mas estas perdas eram insignificantes com relação ás enormes massas que succediam ás avançadas.

Antonio da Silveira tinha a serenidade do fanatico em presença do martyrio, e a bravura do leão em face do inimigo.

O animo que influia nos seus era extraordinario.

Isto levava aquelles homens a fazer prodigios. Entre muitos rasgos de valor contaremos um, que aponta Gaspar Correia, e que tanto João de Barros como Diogo do Couto contam desenvolvida e admiravelmente.

Daremos na integra a elegante versão de Diogo do Couto:

«Lopo de Sousa Coutinho tinha um criado gallego de nação, pequeno de corpo, mas terrivel e endiabrado, chamado João; este levava sua espada e espingarda. Estando assim deram de cima aviso que alguns mouros estavam favorecendo os trabalhadores que furtavam o entulho do baluarte; e, arrebentando Simão Furtado com os seus companheiros pela cova fóra, deu nos inimigos como um raio, derribando dos primeiros golpes alguns; os mais, cortados de medo, fugiram sem verem o pequeno esquadrão, que os punha em desbarato. O moço João, depois que disparou a espingarda em um mouro, arrancou da espada e remetteu com outro, que era um façanhoso homem de corpo, com que o apertou tão rijamente que o fez virar as costas, porque tambem seus companheiros já tinham fugido.

O moço o foi seguindo ás cutiladas, e assim perseguido, que, com o desatino que levava do medo, foi tomando o caminho do mar para a banda do caes da fortaleza, que lhe ficava mais perto que o exercito, e o moço sempre apóz elle até elle se metter pela agua, por onde o mouro se metteu, e entrou tanto por ella que lhe deu pelo pescoço; e como o mouro era homem grande, chegou até parte, que o moço não póde chegar, e com a raiva e desejo que levava de o ferir, mettido na agua quasi até ao pescoço, se desfazia em golpes, que cortavam pela agua. De cima do muro foi visto o trabalho em que estava, e, conhecendo-o Lopo de Sousa lhe bradou: Estocadas, estocadas, João. O moço, conhecendo a voz do amo, encolheu o braço, e lhe atirava algumas estocadas, mettendo se com a furia tanto pela agua, que perdeu o fundo, e, indo-se os pés, ficou todo mergulhado, sem largar nunca a espingarda da outra mão, nem a espada.

O mouro, vendo o submergido, virou sobre elle para o afogar, havendo o os de cima do baluarte já por perdido; mas elle tornou a surgir acima quasi afogado; e, sentindo o mouro aferrar d'elle, não perdeu o animo n'aquella hora de trabalhoso transe, encolheu o braço e deu-lhe duas ou tres estocadas pela barriga. O mouro com a dôr da morte o largou, e o moço, que já tinha tomado pé, lhe deu tantas até que o acabou de todo. E, vendo-se desalliviado d'elle, saiu-se da agua, banhado todo em sangue do mouro, e com a espada n'uma mão e a espingarda na outra, se foi recolhendo para a cava, seus passos ordinarios e muito seguro, chovendo sobre elle nuvens de espingardas, que os mouros lhe atiravam, saindo-lhe a recolher Simão Furtado, que já se tinha apartado dos mouros, deixando feito n'elles grande estrago. O moço foi chamado acima á fortaleza, e Antonio da Silveira o levou nos braços, dizendo-lhe palavras e gabos de muitos louvores.»

Diogo do Couto, passados annos, conheceu muito este João Gil, por alcunha o Pequeno, em Diu, onde vivia casado e rico, sendo vice-rei da India o conde de Redondo.

Repetiam-se os assaltos, decrescia o numero dos poucos defensores da praça, veiu como remate de tantos infortunios a terrivel enfermidade do escorbuto, gerada pela má alimentação e agua corrompida.

Não bastava o animo inquebrantavel de Antonio da Silveira e de alguns fidalgos para levantar os espiritos, cujo vigor declinava emfim. Morbidos e taciturnos, os mais valentes esperavam a morte, encommendando as suas almas a Deus, com a sincera piedade d'aquelles tempos.

Ha um momento no cerco de Diu que assume proporções dignas da mão do genio ou no canto do poema ou nas scenas do drama; o inimigo recrescendo ás ondas, a artilheria rebentando dentro dos muros e desmantelando-os, a doença corrompendo o sangue e abatendo os poucos braços que, por supremo esforço, ainda poderiam fazer frente ao adversario e reparar as avarias. Por um instante tudo esteve perdido! Uma providencia, até alli ignota, apparece subitamente. As mulheres sentem que o momento é supremo. Filhos, esposos, irmãos e amantes estão por um fio! São precisas correntes electricas para levantar esses que, se não fora um valor descommunal, ha muito seriam cadaveres. A' voz d'aquellas verdadeiras Egerias, elles recuperam novos espiritos e sentem no braço e no coração as forças juvenis!

Não exageramos: ao contrario, subtraimos muitos rasgos narrados por todos os chronistas do tempo, e, quando duvidassemos da rhetorica de alguns, tinhamos uma prova insuspeita na singeleza de Caspar Correia.

Joanna Fernandes, mulher de um medico que muitos serviços prestou, e Isabel da Veiga, aquella no declinar da vida, e esta no vigor da edade e na flor do seu bello semblante, erguem-se na anchura de seus corações feminis accesos no amor das coisas mais santas, á altura das heroinas que a historia tem registado nas suas paginas brilhantissimas! São ellas que impellem as outras.

Brandindo a lança, floreando a espada, jogando os artificios de fogo, ora terriveis como a leoa ferida nos filhos, ora mulheres solicitas ao lado dos enfermos e dos moribundos, estão em toda a parte! Defendem, ferem, curam, matam, sorriem, mal lizem e abençoam!

Euménides desgrenhadas e pavorosas para os adversarios, são para os seus as santas inspiradoras, que lhes influem o amor da gloria na vida, e a idéa da bemaventurança na morte!

O ultimo quadro d'este grande drama é sublime na sua resignada simpleza.

Rompera a madrugada do dia de Todos os Santos: dia de Todos os Santos, n'aquella época de fervor religioso e n'aquelle tremendo lance!

Os sitiados estavam convencidos de que a aurora d'aquelle dia seria a ultima para os seus olhos!

Como os hebreus, dentro dos muros desmantelados de Jerusalem, esperavam, olhos postos no ceu, as terriveis carnificinas de Tito, aguardavam os nossos as crueldades da sanha bravia dos turcos!

Os homens validos estavam todos decididos a morrer com a espada na mão; mas os velhos, as crianças, os feridos, as mulheres? As mulheres!... essas foram as primeiras a se vestirem com os seus trajos de gala, preparando-se como as victimas antigas para o sacrificio. N'esse momento, aquellas heroinas pareciam tocadas pelo extasi de inspiração superior. Começou uma especie de delirio mystico entre aquella gente. Paramentaram-se todos com os melhores fatos. Abraçaram-se uns nos outros, trocando, entre canticos e rezas, o ultimo amplexo e o derradeiro beijo!

O inimigo, porém, ignorava o estado dos adversarios; julgava, ao contrario, ouvindo cantos e folgares, que tinham recebido reforço de fóra e, fatigado já com aquella tenacissima resistencia, resolveu retirar na manhã d'aquelle mesmo dia.

Quando os da praça se convenceram de que os turcos levantaram o cerco definitivamente, o assombro parecia haver tocado de paralysia o grande animo d'aquella gente! Passados os primeiros momentos de estupefacção, cairam em joelhos e de mãos erguidas, bradando que fôra aquelle, um verdadeiro milagre do ceu, feito por Deus no glorioso dia de Todos os Santos! Em tal epoca e em taes circumstancias, não custa a crer que a sua convicção fosse sincera.

Oito annos depois, n'aquella mesma fortaleza, deviam fazer maravilhas D. João de Mascarenhas e D. João de Castro.

Que homens! Que gigantes!

BULHÃO PATO.

Correio do Sul

Lisboa, 19 de agosto de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Para não alongar demasiadamente a minha correspondencia, ou, como melhor quizerem chamar-lhe, de 16, deixei de dizer que no domingo, 15, concorreram a Belem talvez mais de 5 a 6 mil pessoas entre velhos e velhas, rapazes e raparigas, crianças e *bébés*. Os vapores e toda a casta de vehiculos levavam seus *antros* rebentando com o *recheio*. Depois das 5 horas da tarde principiou a mexer-se, *para retirar-se*, a *magna caterva*, que pouco depois corria em ondas para os carros, que de momento se enchiam até mais não. E a *caravana* corria de novo, precipitando-se sobre outro e outro carro que chegava: ia até esperal-os a grande distancia dos *ancoradouros*, e agarravase-lhes como ostras ao costado das embarcações, e lá ia dependurada até *amarrarem a boia*. Cheios aquelles, voltavam de novo aquellas *phalanges* a retomar posições para nova investida a outros e outros que, enfileirados, iam chegando, por que as companhias *carroceiras*, prevendo qual deveria ser a balburdia, mandavam carros sem conta, pezo ou medida para o *acampamento*. Ainda assim, todos eram poucos, apesar de tantos serem.

A *tropa* (sem polainas) andava de traz para diante, e de diante para traz, em vertiginosas corridas, transformando os lados das linhas ferreas em verdadeiros carreiros de formigas: todos queriam entrar ao mesmo tempo; ninguem queria ficar para guarda da rectaguarda; parecia que todos receiavam uma invasão de barbaros, vomitados, senão por algum *facsimile* do cavallo das muralhas de Troia, por alguma zorra, que viesse das bandas do Dáfundo. Que desespero de gente!

Ainda assim de tanta azafama, de tanto barulho e confusão não resultou um desastre, que lamentar; mas isto devido mais ao acaso, do que ao cuidado e cautella dos forasteiros, persuadidos talvez de que as linhas eram de estopa e as rodas dos carros de algodão; e por isso não correriam risco, ainda que cahissem nas linhas e ficassem debaixo das rodas. A nada attendiam, e os conductores dos carros viam-se em papos d'aranha. As *tropas* atiravam-se aos carros com a sofreguidão do naufrago á taboa ou cabo de salvação.

Parece impossivel que, no meio de tanta balburdia, tamanha confusão e inaudito atrevimento, não houvessem desastres uns após outros, vendo-se envolvidas no *formigueiro*, mulheres com crianças ao collo, homens com ellas nos braços ou dependuradas pelos bracinhos, e ás duas e tres! E não se pense que isto era só por parte da baixa plebe; não senhores, no turbilhão andavam sobrecasacas e chapéos finos; vestidos de rufos e folhos e *ternurs* e chapellinhos de plumas. Era dia da Assumpção de Nossa Senhora que, decerto, velou por toda aquella *bicharada*, que tão esquecido parecia andar de si propria, como de todos os seus, para só se lembrar de andar, correr e saltar, e agarrar-se, para poder *engaiolar-se*.

Era curioso ver-se como velhas tropegas e côxas e velhos cambaleando, a tanto se arriscavam, esquecendo-se dos callos e não sentindo o rheumatismo, não andando, correndo; não correndo, voando, sem lhes servir de obstaculo a grande ventaneira, que levantava nuvens de poeira, apesar de ter sido regado o terreno.

Os chapéos tanto dos homens como das senhoras fugiam-lhes das cabeças, e o vento levava-os pelo ar a grandes distancias, e lá iam os *descarapuçados* correndo após d'elles, aqui te apanho, além te agarro, andando assim tempo esquecido, sem lhes poderem deitar a mão, a sombrinha, a bengala ou o cajado; e d'aqui o perderem-se as filhas dos paes, e as mulheres dos maridos, o que mais e mais augmentava a desordem e confusão.

Valia a pena estar em ponto alto e seguro (como eu, felizmente, estava) vendo aquella *escaramuça* em que todos eram egualmente valentes lidadores; ou aquella *farça*, em que cada um desempenhava com toda a mestria o papel de que se encarregava. Não houve, repito, desgraças, que lamentar; pelo contrario, dois incidentes, que provocaram palmas e bravos.

Uma rapariga dos seus 20 annos, corajosa e destemida, agarrando se a um carro, mas não podendo alcançar o estribo, foi arrastada á distancia de dois ou tres metros, largando, então, o carro, para ficar estendida horizontalmente no chão, de costas e demaneira, que mostrou ao ao respeitavel publico *o que, decerto, ao menos, por decencia, não queria mostrar*. Choveram então as palmas e os bravos, e desprenderam-se dos labios masculinos as gargalhadas, emquanto que outros femeninos, se apertavam, um contra outro, para suster o riso. Um bem apessoado Hercules, atoucinhado qual porco á engorda, nos montados alemtejanos, lançando mão a um carro, não se poude segurar bem, resvalaram-lhe os *gatazios* e cahiu. Como, porém, era uma massa carnuda, não se feriu, e voltaram-se então para este as attenções, as palmas, os bravos e as gargalhadas, dando folga á rapariga.

Uma outra mulher meia assenhorada, dos seus 22 a 24 annos que por um dos passeios seguia ao lado de um homem da mesma idade, pouco mais ou menos, conversando, e a passo curto, teve um ataque nervoso, ou como melhor haja de chamar-se-lhe, e cahiu redondamente no chão sem sentidos; mas gritando muito e bracejando, e perneando ainda mais; espumava. Acudiram-lhe de momento populares e mulheres, e interveio a policia que a fez remover para uma casa proxima: levaram-a em braços. Não era de gigantescas proporções a mulher, mas bracejando e perneando fazia andar em redemoinho e bolandas as seis pessoas, que nos braços a conduziam. Deve ser mulher muito asseiada: e ia bem vestida e calçada, e nos movimentos que fazia, e quando cahiu, deixou ver as saias debaixo, e as meias em todo o seu cumprimento, alvas de neve. D'esta toda a gente mostrou ter dó e compaixão: e na verdade bem digna de dó, tendo, como disseram que tem, ha muito, aquella molestia. Disseram-me, depois, que só tarde e muito tarde recuperara os sentidos, ficando então em grande abatimento, prostração e suor. Parece que só depois de 10 horas da noite abrandára a *escaramuça* dos furasteiros, parte dos quaes, ainda por 11 e meia horas se achava no *campo da batalha*, esperando carros de transporte, que então já tinham diminuido de nnmero. Ora que se vá a qualquer devertimento, para gosar commodamente, e em socego, comprehende-se; mas que a gente vá metter-se e com creanças em apertos taes, é necessario... o que necessario é... E depois, o que ha que ver-se de grande novidade, ou recreio, na feira de Belem? Que ha alli, que lá chame uma tal concorrencia? Barracas de *pan-pin-pum*; bodegas de comes e bebes; meia duzia de barracas de bonecos e quinquelherias; duas barracas de cafés servidos por *senhoritas* d'avental branco e bordado, sapatinhos amarellos, encarnados ou verdes, de entrada abaixo, e com grandes borlas de variegadas côres; uma barraquinha com loiça das Caldas; tres ou quatro de queijadas, outras tantas de melancias; uma de fato velho e chinellos mais que usados; uma de louças e vidros e outra de ourives (as duas melhores). De resto uma praça de tourinhas *bipedes*; outra de pretos, que melhor fora não a deixarem funccionar; e quatro theatros em dois dos quaes se estafam os hymnos, os tangos, e estropiam as producções dramaticas. Nos outros dois, apesar de theatros de feira, ainda se passam menos mal alguns minutos, ouvindo e vendo-se, quando mais não seja... que lá se veem, e como veem. Eis aqui o que é a feira de Belem, que ainda assim dura dois mezes e mais!... E' provavel que hoje de tarde (quinta-feira) por alli haja novo enchente. S. Luiz e S. Julio, cujo dia é, pretejem os furasteiros; guardem, porém, estes as algibeiras por que a gatunagem anda desaforada, a ponto de que d'um *café cantante* roubado foi um bahú, contendo (dizem) sete libras, roupa e joias no valor de 60 mil reis, indo depois apparecer arrombado nas terras d'Alculena, decerto, porque para lá o levaram os gatunos, tendo illudido a policia, que nem tudo póde ver e cohibir, embora, trabalhando, como trabalhado tem.

— Tem graça a opposição grazinando como grazinou, porque o governo ainda não pagou, ha 5 mezes que governo é, os 12 mil contos de divida fluctuante, que ella *arranjou* nos quatro annos que desgovernou! O que faria se os papeis dos dois governos se tivessem trocado! Nas berratas haverá seriedade e convicções? Não ha, por certo. Aquillo é apenas devertimento, bambocha.

Borges.

Arabescos e Miniaturas

A FADA NEGRA

Uma velha de olhar agudo e frio,
De olhos sem côr, de labios glaciaes,
Tomou me nos seus braços sepulchraes,
Tomou-me sobre o seio ermo e vasio.

E beijou-me em silencio, longamente,
Longamente me uniu á face fria...
Oh! como a minha *alma se estorcia*
Sob os seus beijos, dolorosamente!

Onde os labios pousou, a carne logo
Myrrou se e encaneceu-se-me o cabello.
Meus ossos confrangeram-se. O gelo
Do seu bafo seccava mais que o fogo.

Com seu olhar sem côr, que me fitava,
A Fada Negra me coalhou o sangue.
Dentro em meu coração inerte e exangue
Um silencio de morte se engolfava.

E volvendo em redor olhos absortos,
O mundo pareceu-me uma visão,
Um grande mar de nevoa, de illusão,
E a luz do sol como um luar de mortos...

Como o espectro d'um mundo já defuncto,
Um farrapo de mundo, nevoento,
Ruina aerea que sacode o vento,
Sem côr, sem consistencia, sem conjuncto...

E quanto adora quem adora o mundo,
Brilho e ventura, esperar, sorrir,
Eu vi tudo oscillar, pender, cair
Inerte e já da côr d'um moribundo.

Dentro em meu coração, n'esse momento,
Fez-se um buraco enorme—e n'esse abysmo
Senti ruir não sei que cataclismo,
Com um universal desabamento.

Razão! velha de olhar agudo e crú,
E de halito mortal mais do que a peste!
Pelo beijo de gelo que me déste,
Fada negra, bemdita sejás tu!

Bemdita sejas tu pela agonia
E o luto funeral d'aquella hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!

Pelo pranto e as torturas bemfazejas
Do desengano... pela paz austera
D'um morto coração, que nada espera,
Nem deseja tambem... bemdita sejas!

Anthero de Quental.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—«*O Duque de Vizella*, engraçada parodia em 3 actos ao *Duque de Vizeu*, o formoso drama de Lopes de Mendonça. *O Duque de Vizella* é devido á penna de F. Jacobetty, festejado auctor popular. Todos os pedidos de exemplares devem ser dirigidos ao theatro Chalet da Rua dos Condes—Lisboa.

—«Alguns fasciculos da Grande Edição Manuscripta dos Luziadas. E' um trabalho de vulto, o unico d'este genero em Portugal.

—«*O Recreio*, revista semanal litteraria e charadistica, dedicada á mocidade estudiosa. E' uma das publicações mais baratas do paiz, tem 16 paginas com 32 columnas, typo novo e bom papel, custando 20 reis cada numero. Acaba de publicar-se em Lisboa o 1.° numero d'esta magnifica revista, illustrado com uma gravura, contendo as seguintes secções: *Chronica, Perfis biographicos, Palcos particulares, Artistas portuguezes, Curiosidades historicas, Primores poeticos, Bibliographia; Sorrisos, Album enygmatico*, e além d'estas secções traz outros artigos, tornando-se notavel um romance de Perez Escrich—*O martyrio da gloria*.

A assignatura para a provincia devese reclamar ao gerente da empreza, rua Nova de S. Mamede, 26, 3.°. Cada trimestre (13 numeros) 300. Semestre (26 numeros) 580 reis. Pagamento adiantado.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 17

Varios despachos administrativos e de instrucção publica.

Portaria regulando a fórma de substituição dos juizes de direito.

Varios despachos judiciaes já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 18

Concessão de differentes mercês honorificas.

Aviso de que nenhum requerimento terá seguimento senão pelas vias competentes.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Relatorio sobre as escolas industriaes e de desenho industrial da circumscripção do norte.

Diario de 19

Varios despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Joanninha.—A sr.ª D. Magdalena ficou ainda na capella. Se o sr. Gabriel dá licença, nós vamos por lá e dizemos-lhe...

Gabriel.—Vae, Joanninha.

Joanninha.—Andae, raparigas.

Todos.—Vamos, vamos!

Pedro (*atravessando a scena em direcção á E. M.*)—Ide, ide, que o tal *gajo* lá está ao pé! Pois que, menino?!

Arthur.—Calla-te, Pedro! Em nome de Deus calla-te!

Pedro.—Está bem! Mestre manda... Pois perde mais com isso do que ganha. Eu sei tantas coisinhas lindas... oh! que se o sr. Capitão as ouvisse?

Gabriel (*voltando-se*).—Então! não ouviste que te callasses!

Pedro.—Bem! bem! (*a meia voz*) Mas hei de pespegar tudo ao tio Torrentes para elle metter no bico ao Capitão. Olé, se hei de... Um *home* porque se faz lorpa, não se deixe ir no enxurro. Pois quê?! *Elle* é andar meio mundo a enganar outro meio? Nada! (*Alto*) Nada, eu cá não vou para ahi. Sou pão, pão, queijo, queijo.

Gabriel (*ameaçando-o*).—Calla-te, ou leva-te o diabo e pelle!

Torrentes (*interpondo-se*).—Não, sr. Gabriel. Porque um homem é sincero não ha de bater-se-lhe assim! Vem cá meu rapaz!

Pedro.—O' sr. Gabriel. V. s.ª se me dava um socco, achoava-me.

Torrentes.—Pedro!

Pedro.—Prompto. Com o tio Torrentes vou eu nem que seja para o meio do inferno. Com elle vou eu feito. (*Acerca-se de Torrentes e conversam em voz baixa*).

Arthur (*que tem estado em scena muda com Gabriel*).—Não, tio Gabriel. Nem quero mesmo comprehendel-o. Tenho medo de o ouvir. Confiei-lhe a ella o coração e não quero por ora saber o que foi feito d'elle. Temos tempo de conversar.

Gabriel.—Mas... escuta-me por um momento, Capitão. Parece que o mar te fez ingrato!

Arthur.—O mar educa-nos e fortalece-nos o espirito. Habitua-nos a soffrer com resignação, mas ensina-nos tambem a conhecer os homens. Não aproveitei, talvez, as lições, que elle me deu. E' o mesmo. O peor, oh! o peor, tio Gabriel, é lembrar-me de que levei para o mar o coração a transbordar d'esperanças, e que venho vel-as fenecer a uma e uma na terra, que me foi berço.

Pedro (*a meia voz*).—Ora então, veja lá, tio Torrentes; olhe que fica ajustado.

Torrentes (*idem*).—A'manhã, ao romper do sol, na taberna do Domingos da Egreja. Não faltes, ouviste? Olha que isto é caso serio. E preciso não faltar.

Pedro.—Não faltarei. Eu quando digo, digo e acabou-se. Sou um pobre rapaz é verdade, mas quando dou a minha palavra, está dada. Eu cá sou assim. Até logo ou até ámanhã. (*Sae pela D. A.*)

SCENA IX

Torrentes, Arthur, Gabriel, *e pouco depois* **o Vermelho**

Torrentes (*a meia voz*).—Saberei de tudo; e se é o que eu suspeito, hei de vingar o capitão.

Vermelho (*dentro*).—Nada, não senhor, não vou para bórdo. Escusa de me estar a arreliar. Vou pedir licença ao nosso capitão, e quero ir fazer uma visita ás raparigas.

Torrentes (*subindo*).—O Vermelho sahiria de bórdo?

Arthur.—Comprehendo, tio Gabriel, mas acho d'uma ingratidão atroz.

Gabriel.—Era preciso olhar ao futuro.

Vermelho (*entrando, visivelmente embriagado*).—Ora digo e disse! (*Vendo Arthur.*) Oh! com todos os diabos! O capitão, e eu em meia carga! Faço-me n'um bordo ao mar. Navega-se á bolina (*indo a sahir e dando um encontrão em Torrentes*). Orça!

Torrentes.—Rapaz!

Vermelho.—Capitão! (*emendando-se*) ou, quero dizer: prompto, contra-mestre!

Torrentes.—Queres que te vá abrir os olhos? Vê lá.

Vermelho.—Esqueceu-me ver a agulha e ia dando á costa.

Torrentes.—Quem te deu licença de sahires de bórdo?

Vermelho.—Eu não sahi de bórdo, contra-mestre; fiquei-me um bocado a bombórdo, mas não ha novidade. As escotilhas vão abertas e os portalós no convez. Levo bandeira larga. O vento vae de feição. E se elle virar, faço-me de capa. Mas, por ora, bom andar, bom andar.

Torrentes.—Salta para bórdo, rapaz!

Vermelho.—Eu cá vim á falla com o contra-mestre, sim, para ver se me deixava bordejar hoje um bocado nas aguas do tio Domingos. Como é dia santo, vê... Ficou o rapazito a bórdo mais o tio Leandro.

Torrentes.—Pois vae, mas... tem cautella comtigo e lembra-te de que para curar uma bebedeira não ha nada como um chicote do virador, bem tocado pelas costas.

Vermelho.—Fique descançado. Não ha de haver novidade. O meu cavername é duro, aguenta bem com uma carga até á taboa de bocca. Boa viagem. Encontro! (*Sahindo.*) Dá-lhe encontro a esse diabo. Prôa de oes-sudoeste e deixa correr o que corre, que vae de cutelos e varredeiras largas.

Arthur.—Terrivel destino me persegue, meu tio. No mar, tormentas, que não tem fim; na terra, d'estes golpes, que darão termo á minha vida!

Gabriel.—E' preciso respeitar as conveniencias sociaes.

Arthur (*interrompendo-o*) Como seria mister guardar intacto o cofre d'am[illegible] que eu confiei a minha prima! (*Vae a subir e* [illegible]*ra-se com Magdalena, que vem da E. A. Tor*[illegible] *sóbe ate o caes, para descer depois a 1.*)

SCENA X

Os mesmos e Magdalena

Magdalena (*entrando*).—Meu pae... (*Vendo Arthur.*) Ah!... (*disfarçando.*) Ah! sim! era o capitão.

Arthur.—Magdalena! Magdalena! Até que chego a ver-te!

Magdalena (*friamente*).—Arthur!

Arthur (*áparte*).—Vamos! E' mister ser homem. (*Alto.*) Que é isso, Magdalena? empallideces ao ver-me?

Gabriel.—E' talvez a commoção. Não esperava encontrar-te tão cedo.

Magdalena.—Não; não esperava encontral-o agora, sr. capitão.

Arthur.—A ausencia de tres longos annos fez-te esquecer, talvez, o tratamento d'irmãos...

Magdalena (*interrompendo-o*).—D'irmãos?...

Arthur.—Sim, d'irmãos. Não nos creámos juntos? Não aprendemos ambos a formar o coração? Não nos embalaram no berço os mesmos raios do sol?

Magdalena.—E' certo, Arthur. Mas... já lá vão tres annos, e n'esse tempo todo esquecem-se as illusões de creança, criam-se vocações novas, sentimentos diversos...

Arthur.—Mas... que quer isso dizer? Que novas vocações são essas? que diversos sentimentos podem acalentar-se no peito da mulher, que encerra a minha vida toda? Não posso comprehender esta situação. Sou victima d'uma perfidia terrivel, ou tudo isto é um sonho que me atormenta? E' preciso que eu o saiba d'uma vez! Se é um golpe de morte no coração d'uma creança, louca d'amor e d'esperança, digam-m'o. Se é o inferno dos tormentos, que me arroja aos tremedaes da desgraça, acudam-me! Se é a fatalidade, que me sepulta nas trevas, salvem-me, mas não me accusem, por Deus!

Gabriel.—E' o destino que se cumpre.

Torrentes.—Ou o demonio das conveniencias, que o atraiçôa, capitão.

Arthur.—Mas isso não póde ser! O demonio é um espirito condemnado pelo Senhor ao eterno supplicio da escuridão. A vontade de Deus domina o imperio do destino, e eu não descri de Deus! Se ha crime, não é aqui. Todavia a punição esmaga-me a felicidade.

Gabriel.—Socega, capitão, e fallaremos depois de serenado o animo.

Magdalena.—E' a justa recompensa do seu procedimento, Arthur.

Torrentes (*baixo a Magdalena*).—Por Deus, minha senhora. Respeite aquella dôr Os martyres têm direito á consideração—pelo menos—dos que lhes preparam o martyrio.

Arthur.—Eu quero perguntar-lhe, Magdalena, o que fez d'este amor, que tantas vezes me acalentou no peito. Quero saber, minha prima, quem lhe apagou do coração esse affecto, que era o meu futuro. E quero sabel-o, porque tenho o direito...

Magdalena (*interrompendo-o*).—Direito, não!

Arthur.—E' verdade! Eu não tenho o direito. Mas tenho a razão... nem isso, talvez... não tenho nada! Perdôe-me. Eu não me tinha lembrado já de que sou um desgraçado sem berço, sem familia, sem lar! Esqueci a minha posição! Que querem! Perdoem-me; accusem-me, mas condoam-se d'este estado! E' triste sentir que a alma nos foge para outros mundos, e que alguem nos parte o coração! E d'ahi, arremeçar a vista em volta d'uma esphera inteira, e andar, só pelas ruas da amargura, sem luz, sem guia, sem esperança de encontrar termo ao Calvario... ah! tudo isto é triste. Nem eu sei o que digo! Triste... não. Eu sou ainda muito feliz, por que ninguem pode embaraçar o seguimento do meu navio. Quem ha de impôr-me leis no mar, ao largo, longe d'esta terra maldita, onde não se respeita a dôr, onde se tripudia sobre as ruinas d'um affecto sagrado? Ah! contra-mestre, contra-mestre. Velas ao vento, que este ceu escalda-me!

Torrentes.—Capitão! socegue!

Arthur.—Longe... ao largo... vive-se livremente. Ama-se o ceu e o mar, adorá-se a Deus e

Differentes despachos de empregados para os correios.

Diario de 20

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Carta de Lisboa

Lisboa, 20 de agosto de 1886.

Falla-se vagamente que a opposição pensa em interpellar o governo na sessão em que tiver logar o juramento de sua alteza o principe regente. Se isto é verdade, posso assegurar-lhes que os regeneradores perderam de todo a cabeça, e que não é só o rei José que está tolo, estão todos.

— Continua a ser o mais animadora possivel a nossa situação financeira; os fundos portuguezes tem subido consideravelmente em Londres, e a confiança que todos depositam no governo cresce todos os dias.

— S. M. a rainha regressa hoje á noite, vindo por Azambuja e não por Pombal, como a principio se dizia.

— Com respeito á estada do sr. presidente do conselho nas Caldas foi recebido hontem o seguinte telegramma:

Caldas da Rainha 18.—O sr. presidente do conselho e sua esposa e filhas, e o governador civil visitaram hoje a fabrica de faianças merecendo-lhe todos os trabalhos a maior attenção; assistiram á fabricação de varios objectos, elogiando muito o desenvolvimento da fabrica e perfeição dos productos. Foram recebidos pelo director e gerente. A visita durou mais de 3 horas.»

— Na sua ultima sessão, o Tribunal de Contas proferiu as suas declarações, relativamente ás contas de receita e despeza do Estado da gerencia de 1884-1885 e do exercicio de 1883-1884, para serem presentes ás camaras, e approvou o relatorio, para enviar ao governo, sobre as mesmas contas.

Com relação ao conflicto que se levantou n'este tribunal e de que lhe dei conhecimento na minha ultima carta, tenho a accrescentar que o sr. conselheiro Mendonça Cortez veio á imprensa explicar o seu voto no protesto apresentado pelo sr. conselheiro Thomaz Ribeiro. S. ex.ª declara o seguinte:—1.°, que, comquanto tencionasse defender no parlamento aquelle decreto; e 2.°, embora como membro do tribunal opinasse que a este só cumpria executar o mesmo decreto sem curar de qualquer questão sobre a sua constitucionalidade; não obstante: n'aquelle lugar, repellindo a ideia sequer de parcialidade politica, e respeitando os escrupulos de consciencia do nosso collega, me parecia justo e prudente que o tribunal os fizesse subir, na devida fórma, ao poder executivo para os tomar na consideração que merecessem.»

— Foram exonerados, em consequencia de não terem cumprido os preceitos da portaria que os nomeou, os aspirantes de marinha, srs. Pedro de Campos Valdez, do quadro; José Maria Pereira da Silva e Joaquim Pedro Vieira Judice Biker, extraordinarios; e Alexandre Magno de Fontes Pereira de Mello, provisorio.

— Consta que a sr.ª condessa d'Edla apresentou a registo em Londres o testamento d'el-rei D. Fernando, visto o valor da herança existente n'aquella nação passar de 4:700 libras.

— Foi mandada restabelecer a posta rural nos districtos de Vianna e Braga, na parte já estudada, mandando-se fazer os estudos complementares n'esses districtos e no do Porto, e estudos iniciaes em Bragança e Villa Real para poderem gosar d'esse melhoramento.

— Foi nomeado secretario do sr. ministro das obras publicas o sr. Barbosa Collen, redactor das *Novidades*.

— Foi nomeado para Cabo Verde o facultativo sr. Filippe Nery Rosario Collaço.

— Entraram no Tejo dous navios de guerra italianos, mas como téem quarentena de observação não poderão ter livre pratica antes de tres dias, desembarcando então o principe italiano, filho do principe Amadeu.

— O sr. ministro das obras publicas deu ordem para serem urgentemente construidos tres ramaes da estação da Pampilhosa, um ligando a estação com a estrapa real de Coimbra ao Porto; outro de ligação com Botão e Penavoca e outro ligando a Mealhada a Vizeu.

— São esperados os dois vapores *Cacongo* e *Massabi*, contratados pelo governo para o serviço no districto do Congo. Tambem é esperada a nova barca *Cabinda*, construida na Inglaterra.

— Partiu ante-hontem para o Luso o sr. ministro da fazenda a visitar sua esposa, que alli tem estado a convalescer. Suas ex.as regressam a Lisboa na segunda-feira.

— Regressou já a Lisboa, monsenhor Vanutelli, nuncio de Sua Santidade n'esta côrte.

Y.

Telegraphia

Paris 16.—O presidente do conselho, M. Freycinet torna a partir amanhã para Mont-sous-Vaudrey, onde vai passar uma semana.

Abriram-se hoje as sessões dos conselhos geraes, em toda a França. Até agora não ha noticia de nenhum incidente.

Um telegramma expedido de Berlim para o *Journal des Débats* desmente que na sua entrevista, em Gastein, os imperadores da Austria-Hungria e da Allemanha se occupassem da situação do Papa.

O novo ministerio chileno ficou assim organisado: Presidente do conselho e ministro do interior, snr. Euzebio Lillo; ministro dos negocios estrangeiros, snr. Agostinho Eduardo; e ministro da guerra e marinha, snr. Francisco Trurc.

Londres, 16.—Proximo de Portedomnn (Irland) um bando de malvados atacou um comboio do caminho de ferro, a tiros de espingarda e a pedrada. Felizmente não feriram ninguem.

Kiel, 17.—(Official)—El-rei D. Luiz I de Portugal que acaba de chegar a Kiel, embarcou logo no *yacth* do rei da Dinamarca, para se dirigir a Copenhague. Sua majestade gosa perfeita saude.

Roma, 16.—(Official)—Foram trocadas as ratificações da concordata entre Portugal e o Vaticano.

Copenhague, 17.—O rei de Portugal chegou hoje a esta cidade, sendo recebido na *gare* do caminho de ferro pelos reis da Dinamarca e da Grecia.

Na proxima sexta-feira partirá para Stockolmo, onde vai visitar o rei da Suecia.

Londres, 17.—O *Standard*, d'esta manhã, noticia que fora retirada a commissão ingleza dos limites da fronteira do Afghan, para evitar um qualquer comprommettimento em caso de desordem.

Londres, 18.—O discurso da rainha Victoria ao parlamento não falará da Irlanda.

Um dos ministros annunciará que as medidas concernentes á autonomia local irlandeza serão propostas no proximo anno.

E' provavel que o addiamento das camaras se effectue no dia 10 de setembro.

A *Pal Mall Gazette* diz que esta noticia não é por forma alguma auctorisada, e que os commentarios que lhe faz o *Standard* dão uma ideia errada da situação.

A Inglaterra, Allemanha e Estados-Unidos enviaram a Samoa (archipelago da Polynesia) commissarios encarregados de definirem alli os respectivos interesses das suas nações.

Vienna, 17.—O imperador Francisco José convidou o duque Cambridge, para assistir ás grandes manobras do exercito austriaco.

Este facto confirma o boato de adhesão da Inglaterra á alliança austro-allemã.

Roma, 18.—A noite passada foi achado escondido na basilica do Vaticano, um individuo, que disse estar alli para ver o Papa. Suppõe-se que está atacado de mania religiosa.

Montevideu, 17.—Um individuo disparou um rewolver á queima roupa, sobre o presidente da republica, na occasião em que este ia a entrar para o theatro. O presidente ficou levemente ferido n'uma face. O auctor do attentado, que a policia prendeu immediatamente, foi tão maltratado pelo povo, que morreu pouco depois.

Copenhague, 19, ás 9 e 38 m. da manhã, (official)—Sua magestade el-rei D. Luiz parte esta tarde para Stockolmo.

Rio de Janeiro, 18.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa, o paquete inglez *Galicia* da companhia Navegação do Pacifico.

Bahia, 18.—Partiu d'este porto, com destino a Lisboa, o vapor *Baltimore*.

Londres, 19.—O discurso da rainha Victoria ao parlamento consignará as relações amigaveis da Gran-Bretanha com todas as potencias estrangeiras e pedirá o restabelecimento da ordem social na Irlanda.

Copenhague, 19.—Sua magestade o rei de Portugal partiu esta tarde para Stockolmo, sendo acompanhado até á alfandega pelo rei da Dinamarca, principe herdeiro, rei da Grecia, ministerio dinamarquez e corpo diplomatico.

Londres, 19.—O discurso da rainha Victoria diz que o parlamento foi convocado para os trabalhos indispensaveis e consigna que o paiz, consultado a respeito da Irlanda, confirmou as conclusões a que chegara o parlamento anterior; mas não falla da politica externa, nem da questão irlandeza.

S. Vicente, 20.—Segue hoje d'este porto com destino a Lisboa o paquete *Trent* da Companhia da Mala Real Ingleza.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

NOVISSIMA LEGISLAÇÃO

CODIGO ADMINISTRATIVO, approvado por decreto com força de lei de 17 de julho de 1886, copiado fielmente da edição official, revisto com todo o escrupulo, e impresso em bom papel.—Preço 200 reis. Pelo correio, 220 reis.

APOSENTAÇÕES DOS EMPREGADOS CIVIS e reforma dos empregados e operarios são comprehendidos no decreto ácerca das aposentações dos empregados civis. Decreto de 17 de julho ae 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO DE FAZENDA nos districtos e concelhos do reino. Approvada por decreto de 23 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis,

ORGANISAÇÃO DOS SERVIÇOS TECHNICOS DE OBRAS PUBLICAS. *Decreto de 24* de julho de 1886.—Preço 60 reis. Pelo correio, 70 reis.

REFORMA DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

REFORMA DA ORGANISAÇÃO JUDICIARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886 e regulamento para a execução do referido decreto.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO EXTERNO DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES. Approvado por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

LEI ELEITORAL de 21 de maio de 1884.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

A' venda na Livraria Gutenberg de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 64 a 68—PORTO.

A ALCOVA DAS PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico

POR

JULIO BAUJOINT

TRADUCÇÃO DE J. G. COSTA

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cléopatra. Messalina, Joanna, rainha de Jérusalem, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Médicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terriveis mysterios da torre de Nesle, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça enbranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guilhotina.

10 rs. cada folha de 8 paginas—Estampas a 10 rs.—50 rs. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Dão-se prospectos no escriptorio da Empreza Noites Romanticas, de F. N. Collares—editor, Rua da Atalaya, 18, 1.°—Lisboa—em todas as estações telegraphicas e livrarias do reino.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1887

PORTUGAL E BRAZIL

Publicado sob a protecção de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia—Illustrado com o retrato e biographia de Eduardo Garrido.—17.° anno.

Por D. GUIOMAR TORREZÃO

Um volume de 340 paginas, nitidamente impresso na acreditada typographia Lallemant, collaborado pelos principaes escriptores de Portugal, Brazil, França, etc.; ampliado de differentes tabellas, artigos de vulgarisação scientifica e reconhecida utilidade, anecdotas humoristicas, problemas, charadas, enygmas e logogriphos premiados, e uma desenvolvida serie de annuncios dos principaes estabelecimentos, inaugurando este anno duas novas secções de incontestavel importancia: *Atravez a sciencia* e *Conselhos uteis*.

Contém mais o almanach as seguintes gravuras, entre as quaes, ha algumas de grande formato: Princeza D. Amelia—Principe D. Carlos—Princeza Beatriz de Inglaterra—Principe de Battenberg—Lopes de Mendonça—João Rosa—Actor Santos—Amelia Vieira—Anna Judic—Actor Alvaro—Cotogni—Fidès-Devriés—Camara (Doutor)—José Ribeiro da Cunha—Thomaz Ribeiro—Thomaz de Carvalho (Doutor)—Visconde de Daupias—Senna Freitas (padre)—Concepcion de Flaquer—Beethoven—George Sand—Guilherme de Azevedo—Raphael Bordallo Pinheiro—D. Bertha Ramalho Ortigão—Frantz Liszt—D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro—Silva Porto—Sousa Pinto—Vasco da Gama—Lavoisjer—D. Helena Gomes—Henrique Barth=Columbano Bordallo Pinheiro=Bryham Yung o muitas outras gravuras.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto, e nas ilhas, provincias, possessões ultramarinas, etc.

Em Aveiro—David da Silva Mello Guimarães.

PREÇO: brochado, 240 réis; cartonado 320 réis.

Deposito principal do Almanach, livraria Tavares Cardoso & Irmão, largo do Camões (vulgo Rocio) 5 e 6, onde faz abatimento para revender.

Redacção, onde ha collecções do mesmo Almanach, rua de S. Bento, 218.—LISBOA.

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

ESPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE
Illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense
Eugéne Hugues

Primorosa traducção do finado jornalista portuense A. R. Sousa e Silva, a mais vernacul e correcta que tem apparecido até hoje em linguagem portugueza, conservandu todo o vigo e todas as bellezas do original.

A revisão do texto e coordenação total das gravuras e da obra está confiada ao jornalista portuense Gualdino de Campos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.° e illustrada com 500 gravuras-distribuida em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
ALVES MENDES

PATRIA!—Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal........ 300

ANNUNCIOS

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo presidente, etc.

207 FAÇO saber que, em virtude da requesição do Ex.mo Governador Civil do districto, feita a pedido da Junta Geral do districto de Aveiro, e, em cumprimento da resolução tomada pela Camara da minha presidencia, em sua sessão de hontem, se acha aberto o inquerito de 30 dias, para a transferencia, para a ordem das estradas districtaes, da estrada municipal de Oliveira de Azemeis á Farrapa, tendo por ponto obrigado Carregoza, devendo ser prolongada até Arouca.

Quem tiver que reclamar contra esta pretendida transferencia, devel-o-ha fazer, n'esta Secretaria, dentro do referido praso.

E para constar se passou o presente para ser publicado pela imprensa e outros de igual theor para serem affixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 20 de agosto de 1886. E eu Manuel Marques, amanuense da camara, servindo de escrivão interino, no impedimento do respectivo, que o escrevi.

Servindo de Presidente da Camara, o Vice-Presidente—*Rufino Cesar de Souza Monteiro*.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

Estrada n.° 34 d'Aveiro a Mira

Reparação da Ponte de Vagos

ARREMATAÇÃO

205 PELA Direcção das Obras Publicas d'Aveiro se faz publico que no dia 12 de setembro, pelas 11 horas da manhã e perante a administração d'este concelho, serão dados de arrematação os fornecimentos de prego, tintas, longuezinas, travessas e pranchões de pinho para a reparação da ponte de Vagos.

As condições e mais esclarecimentos acham-se desde já patentes n'esta Secretaria todos os dias uteis não sanctificados, ficando prevenidos os concurrentes de que teem de fazer um deposito provisorio de tres por cento e de cinco para o caso da adjudicação.

Aveiro e Secretaria da Direcção das Obras Publicas, 20 d'agosto de 1886.

O Engenheiro Director
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeite certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os numerosos attestados do distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO
Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a ve[illegible] d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos [illegible] por todo o tempo.
Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machi[illegible]
Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as i[illegible]ões.
Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a pre[illegible] bar[illegible]mos.
Deposito em todas as capitaes dos districtos [illegible]gal. 56

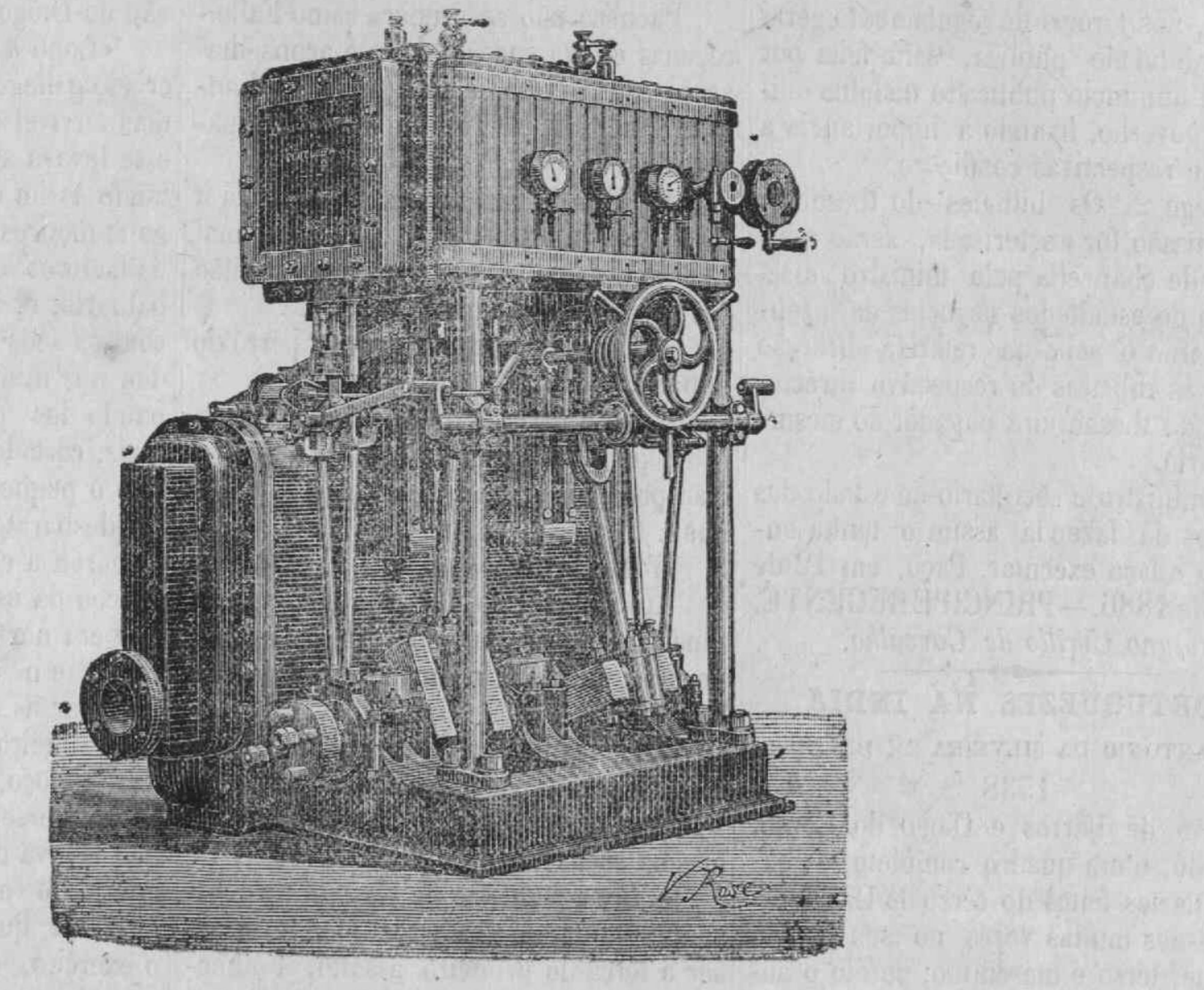
EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

7



MACHINA a vapor, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macu.*

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação andição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

Estrada n.° 32 d'Aveiro á Barra

Reparação da Ponte da Gafanha

ARREMATAÇÃO

206 PELA Direcção das Obras Publicas d'Aveiro se faz publico que no dia 12 de setembro, pelas 11 horas da manhã e perante a administração d'este concelho, serão dados de arrematação os fornecimentos de prego, tintas, madeira em estacas, longuezinas, travessas e pranchões de pinho para a reparação da ponte da Gafanha.

As condições e mais esclarecimentos acham-se desde já patentes n'esta Secretaria, todos os dias uteis não sanctificados, ficando prevenidos os concurrentes de que teem de fazer um deposito provisorio de tres por cento para a licitação e de cinco para o caso da adjudicação.

Aveiro e Secretaria da Direcção das Obras Publicas, 20 de agosto de 1886.

O Egenheiro Director
Antonio Ferreira dAraujo e Silva.

Arrematação

A Junta de Parochia da freguezia de Nossa Senhora da Gloria d'esta cidade de Aveiro:

204 FAZ saber que no dia 5 de setembro proximo por 11 e meia horas da manhã se ha de proceder, no adro da egreja de S. Domingos, á arrematação dos reparos a fazer na mesma egreja, cuja obra será entregue a quem por menos a fizer.

As condições pódem ser examinadas todos os dias das 9 ás 10 horas da manhã em casa do escrivão da Junta, na rua Direita d'esta cidade.

Aveiro 16 d'agosto de 1886.

O Presidente da Junta—*João da Costa Freire.*

LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz, nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho,

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. 1

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.° de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que mesa da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

CONTRA A DEBILIDADE

RECOMENDAMOS o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisádos.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 30

22 *MOLESTIAS SECRETAS*

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba,** approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a ***assignatura*** de ***Raquin*** e o **sello official** (em azul) do ***governo francez.***

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES,** *78, Faubourg Saint-Denis,* PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN,** complemento de todo tratamento

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

137

ASTHMA E CATARRHO

Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA

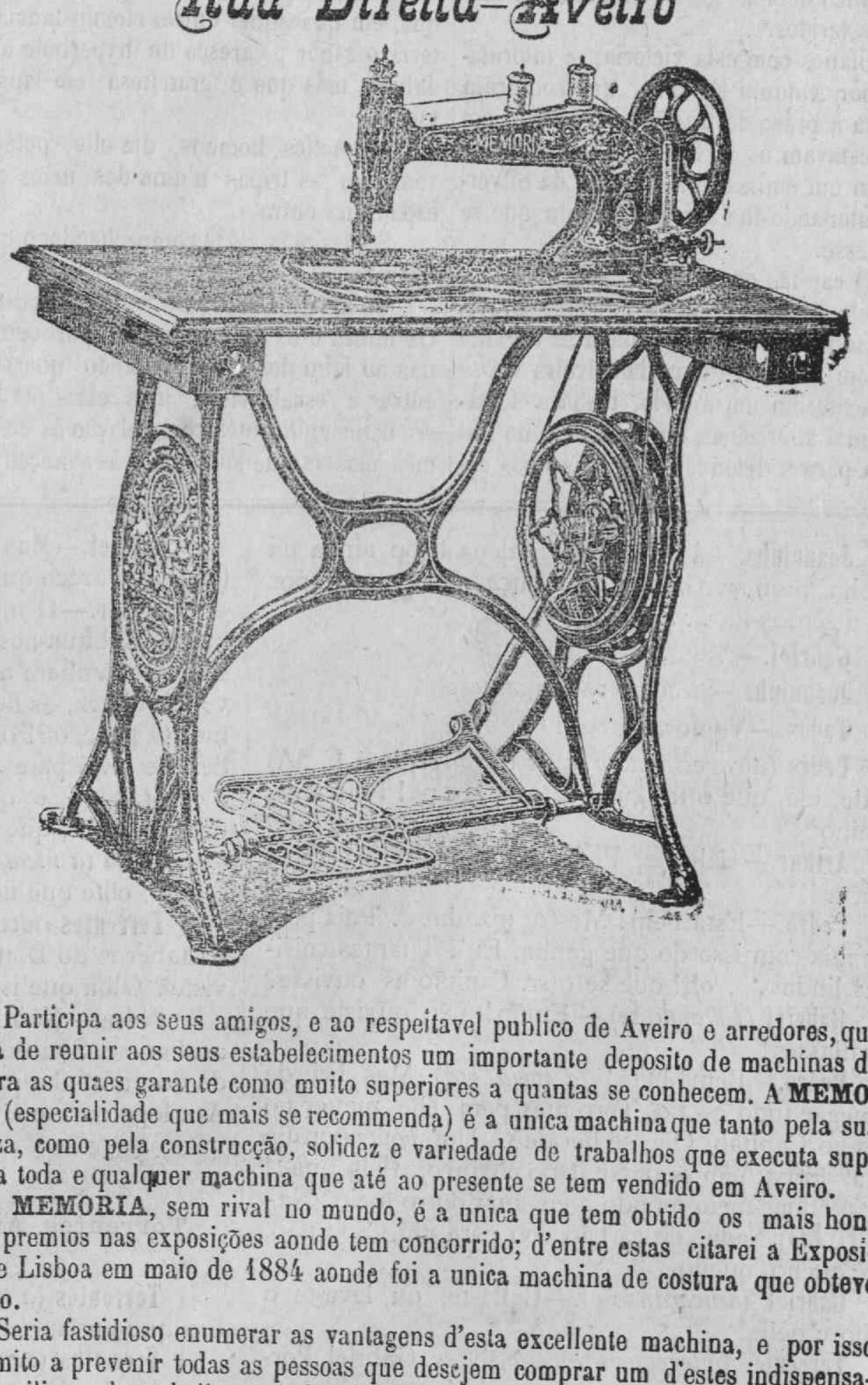
Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

NOVO DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenír todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENCÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.